



CASA DE CULTURA
CAVALEIRO DE JORGE

INVENTÁRIO

ENCONTRO de CULTURAS TRADICIONAIS DA CHAPADA DOS VEADEIROS

Vila de São Jorge - Alto Paraíso de Goiás - Goiás - Brasil



Inventário do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros
Vila de São Jorge - Alto Paraíso de Goiás/GO, Brasil.

FICHA TÉCNICA EQUIPE

Aristelina Avelino do Nascimento
Presidente Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge

Juliano George Basso
Coordenação de Produção

Ana Ferrareze
Coordenação de Comunicação

Joelma Paes
Coordenação Financeira

Jefferson Pereira Passos
Consultor local

Liane Preuss
Pesquisadora

Gabriela Barros Rodrigues
Pesquisadora

José Fernando Saroba Monteiro
Historiador

Geovani Taveira Lopes
Arquivista

Marina Perillo
Social Media

Carlos Filho
Designer e Programador Web

Renata Loureiro
Designer

Ester de Maria
Registro e edição de vídeos

Marjorie Yamaguti
Criativo

Louyse Sousa Silva
Assistente de pesquisa

Rodrigo Oliveira
Revisor textual

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO	3
2.	JUSTIFICATIVA	4
3.	OBJETIVOS	4
4.	DESENVOLVIMENTO E AÇÕES	5
5.	FICHAS DO INVENTÁRIO	9
5.1.	FICHA DO PROJETO.....	9
5.2.	FICHA DO TERRITÓRIO	10
5.3.	FICHA DE CELEBRAÇÕES.....	14
5.4.	FICHA DAS FONTES PESQUISADAS	42
5.5.	FICHA DO RELATÓRIO DE IMAGEM	46
6.	AVALIAÇÃO	85
7.	RECOMENDAÇÕES	86
	ANEXOS	87
	ANEXO I – MANUAL DE BOAS PRÁTICAS PARA ARQUIVOS DIGITAIS	87
	ANEXO II – CÓDIGO DE CLASSIFICAÇÃO RELATIVO ÀS ATIVIDADES-MEIO E ATIVIDADES-FIM – CASA DE CULTURA CAVALEIRO DE JORGE	90
	ANEXO III– MATERIAL DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, PREUSS, LIANE, 2025	100
	ANEXO IV – LIVRETO XXV ANOS ENCONTRO DE CULTURAS/ CASA DE CULTURA CAVALEIRO DE JORGE	100

1. APRESENTAÇÃO

Este projeto visa realizar a coleta de um conjunto de informações preliminares, a fim de compor um conjunto de dados que possa subsidiar o inventário parcial do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, inspirado nas orientações do IPHAN e utilizando a metodologia Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), adaptada pela equipe de Educação Patrimonial do órgão, tendo como responsável pela publicação Sônia Regina Rompim Florêncio. Essa referência é intitulada “Educação Patrimonial: Inventário Participativo — Manual de Aplicação / IPHAN” (2016).

O Encontro de Culturas é reconhecido como Patrimônio Cultural e Imaterial Goiano por meio da Lei n. 22.007, de 13 de junho de 2023, e, desde os anos 2000, vem sendo realizado pela Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, instituição localizada na Vila de São Jorge, no município de Alto Paraíso de Goiás/GO.

Em sua trajetória histórica, o primeiro Encontro aconteceu em 2001 por meio da Associação Comunitária da Vila de São Jorge (ASJOR), pela qual foi realizado até 2010. A partir de 2011, a Casa de Cultura se torna proponente. Ao longo desses 25 anos, foi produzido um vasto acervo de memórias. Esse conjunto é composto por fotografias digitais e analógicas, acervo audiovisual, vídeos promocionais, depoimentos, folders, programações impressas e digitais, livretos promocionais, site, entre outros, além da Encontroteca (acervo digital), que concentra grande parte dessas informações, apresentando até o momento 444 registros de grupos, artistas, mestres, manifestações das culturas tradicionais e populares e dos povos indígenas.

Este documento apresenta os produtos que compõem a entrega prevista na candidatura inscrita no Edital de Patrimônio Cultural, na categoria

Patrimônio Cultural (ficha de inscrição nº 2695 / Edital PNAB 2024), e relata sua metodologia de produção, fichas de descrição (Manual de Aplicação IPHAN), entre outros.

É importante ressaltar a magnitude de um inventário relacionado a esse volume de informações e o tempo necessário para o seu cumprimento. Diante disso, o recorte técnico escolhido pela equipe envolvida foi organizar e formular dados pautados nas orientações abaixo:

- a) Manual de Boas Práticas para arquivos digitais e Código de Classificação relativo às atividades-meio e atividades-fim – Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge (vide ANEXO I e II);
- b) Ficha do Projeto;
- c) Ficha do Território;
- d) Ficha de Celebração;
- e) Ficha das Fontes Pesquisadas;
- f) Fichas do Relatório de Imagens; Listagem de itens da Encontroteca / YouTube;
- g) Material de Educação Patrimonial Encontroteca (vide ANEXO III);
- h) Livreto de XXV anos do Encontro de Culturas Tradicionais (vide ANEXO IV)
- j) Relatório de objeto de execução cultural da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB).

Visto o entendimento de que essas informações organizadas e ações estruturantes são um prelúdio em direção a um processo de pesquisa de inventário maior, e que exija mais tempo de investigação a fim de criar um dossiê que possa não somente pesquisar e identificar o Encontro, mas registrá-lo como

patrimônio imaterial goiano e tê-lo disponível na plataforma TANAikan/Novo INRC – IPHAN.

Esse conjunto de informações, além de contar a trajetória de forma mais geral desse grandioso evento promotor de encontros, é fundamental para fazer cumprir, na prática de sua existência, os decretos nº 3.551/2000 e nº 6.040, voltados à Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

Neste documento também estarão presentes dados informativos sobre as cinco manifestações que são consideradas os alicerces do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, sendo elas: a Sussa da Comunidade Kalunga, o Batuque da Caçada da Rainha de Colinas do Sul, o Congo de Niquelândia, a Catira de São João d'Aliança e, por fim, a Opereta Popular da Turma Que Faz e Doroty Marques.

2. JUSTIFICATIVA

O Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, reconhecido como Patrimônio Cultural e Imaterial Goiano pela Lei n. 22.007, de 13 de junho de 2023, é um evento que há 25 anos promove a valorização das culturas tradicionais e populares. Realizado pela Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, o evento se desenvolveu ao longo dos anos, incorporando a Aldeia Multiétnica em 2007 e se tornando um espaço de convergência de manifestações culturais, sociais e ambientais. Além de celebrar a cultura, o Encontro impulsiona a economia local, atraindo cerca de 30 mil visitantes anualmente, que participam de uma programação rica em apresentações musicais, oficinas e rodas de conversa.

É um espaço de resistência e valorização da diversidade cultural brasileira. Promove o diálogo entre diferentes grupos, como indígenas,

quilombolas, comunidades tradicionais, representantes do poder público, pesquisadores e artistas, favorecendo a construção de identidades e o fortalecimento de laços interculturais. É um espaço educativo, de convivência e de transformação social, onde se buscam alternativas ao modelo hegemônico de políticas culturais. Celebra as tradições culturais e funciona como um catalisador para a conscientização e a preservação ambiental ao promover o entendimento e a valorização das tradições, incentivando uma convivência mais harmônica e sustentável entre os povos e o meio ambiente.

Sem dúvidas, trata-se de um projeto cultural de enorme relevância — um verdadeiro “Encontro”, mais do que um simples “evento” —, inovador e singular em seus modos de ser e fazer. Sua trajetória e impacto justificam plenamente a necessidade de salvaguarda, por meio da realização de inventário e eventual registro, conforme as diretrizes estaduais e nacionais competentes, garantindo sua continuidade, fortalecimento e expansão.

A permanência e a replicação de suas ações mostram-se essenciais, uma vez que sua eficácia constitui referência exemplar para a gestão cultural junto a comunidades tradicionais, povos indígenas, quilombolas e expressões das culturas populares. Além disso, o Encontro está profundamente alinhado aos elementos identitários do território da Chapada dos Veadeiros e das comunidades que o compõem, refletindo suas narrativas, memórias e modos de vida.

3. OBJETIVOS

Foi elaborado o inventário do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros utilizando a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Iphan. Este trabalho visou registrar formalmente o Encontro no Livro de Registro das Celebrações do Instituto do Patrimônio Histórico

e Artístico Nacional (Iphan), contribuindo para sua patrimonialização e salvaguarda como um evento cultural de grande relevância para o Estado de Goiás e para o Brasil.

O projeto foi realizado na Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, na Vila de São Jorge, localizada na Chapada dos Veadeiros, Goiás, onde o Encontro de Culturas ocorre há 25 anos, na segunda quinzena do mês de julho.

Este inventário contou com a participação ativa da equipe do evento, da comunidade da Vila de São Jorge, de pesquisadora, historiador, arquivistas e profissionais de comunicação e registro audiovisual.

Ao longo de 4 meses (março a junho de 2025), foi realizado um trabalho com o rico acervo de 25 anos do Encontro de Culturas e de 27 anos da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, identificando, organizando, documentando e registrando sistematicamente todas as informações existentes (fotos, vídeos, textos, documentos).

No mês de julho, durante o evento, uma equipe foi direcionada para reunir as informações necessárias à complementação do inventário, produzindo, principalmente, entrevistas com as comunidades tradicionais, equipe, artistas, coordenação e público participante.

Nos 4 meses subsequentes (agosto a novembro), o trabalho continuou para a finalização do inventário, com a edição dos materiais e a conclusão do inventário e e-book (relatório final). A Encontroteca, o Instagram e o canal do YouTube do Encontro de Culturas foram as plataformas utilizadas para divulgação dos materiais ao público, garantindo, portanto, ao longo deste projeto, intensa divulgação e produção de conteúdo.

4. DESENVOLVIMENTO E AÇÕES

A fim de cumprir com as entregas aprovadas no Plano de Trabalho, referentes ao Edital PNAB, diversas ações foram desenvolvidas em consonância — e também de forma paralela — ao processo de pesquisa e identificação. As ações foram as seguintes:

- a. **Primeira reunião com o IPHAN – DF**, com a técnica Mônica Mongelli (Coordenação de Identificação do Departamento de Patrimônio Imaterial), com pauta sobre: processos de pesquisa e patrimonialização/registros para patrimônio cultural imaterial; trâmites oficiais para uso da metodologia INRC – IPHAN; tempo médio de produção de um inventário completo; e formato da nova versão do Novo INRC/TANAIKAN (repositório digital).
- b. **Contratação dos profissionais técnicos:**
 - **Arquivista Geovani Taveira Lopes** – Mestrando em Ciência da Informação (UnB). Formado em Comunicação Social (UnB), Arquivista (UnB), Segurança da Informação (IESB) e pós-graduado em Transformação Digital.
 - **Historiador José Fernando Saroba Monteiro** – Doutor em História (UFRRJ); atualmente mestrando em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG), tendo o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros como objeto de estudo. Possui ampla experiência em pesquisa na área

cultural, com destaque para Música Popular Brasileira, Festivais da MPB e Festivais da Canção no Brasil e em Portugal.

- **Turismóloga Gabriela Barros**

Rodrigues – Mestre em

Biodiversidade e Conservação pela UFMA (2010). Especialista em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros (PUC Minas, 2008).

Especialista em Educação

Ambiental para Recursos Hídricos (USP São Carlos, 2004). Graduada

em Turismo (Unicentro Newton

Paiva, 2001). Formação em

Impacto Social (AMANI FIS, 2023).

Certificada em Gestão de Projetos

Sociais e Gestão de Programas

Sociais PMD Pro1 (*Project*

Management for Development) e

PgMD (*Program Management for Development*), ambos pelo APMG

International/INK Inspira

Consultoria, SP (2019).

Idealizadora e autora dos projetos

e metodologias de Educação

Patrimonial PatNET (Patrimônio na

Internet), Patrimônio em Rede e

Guardiões da Memória, para o

Centro Histórico de São Luís,

Patrimônio Cultural Mundial

tombado pela UNESCO.

Vencedora do Edital Prêmio

Periferia Viva 2024/Ministério das

Cidades/Secretaria de Periferias,

com o projeto Patrimônio em Rede

e os Guardiões da Memória/LESTI.

- c. **Visita técnica e imersão da equipe à Vila de São Jorge**, a fim de reconhecer a

localidade, a estrutura e as realizações (projetos) da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, conhecer a equipe envolvida, definir o desenho da estrutura norteadora da pesquisa e garantir o cumprimento do escopo do projeto para 2025.

- d. Reconhecimento de acervo e conteúdos: entregas do Plano de Classificação, do Manual de Boas Práticas para Arquivos Digitais e do Código de Classificação. Ações desenvolvidas pelo arquivista do projeto, após levantamento do banco de dados e definição de sua melhor forma de classificação, armazenamento e preservação digital da memória da instituição/Encontro de Culturas (25 anos).
- e. Realização de visitas técnicas complementares na Vila de São Jorge, ao evento Aldeia Multiétnica, e realização de reuniões de monitoramento e planejamento de produção, dando continuidade ao reconhecimento de dados para o preenchimento da Ficha de Celebrações / Manual IPHAN (2016).
- f. Articulação para a realização de reunião no IPHAN – DF com a Coordenação-Geral do Departamento de Pesquisa e Identificação de Bens, representada por Pedro Gustavo Morgado Clerot, Coordenador de Identificação do Departamento de Patrimônio Imaterial desde 2023.
- g. Revisão do preenchimento prévio da Ficha de Celebrações (preenchida pelo historiador da equipe); leitura de outros inventários; produção e revisão do material *Livreto Encontro de Culturas – 25 anos*, produzido pelo consultor José Fernando Monteiro;

realização do curso “Novo INRC”, a convite do IPHAN, nas datas de 29/08 e 05/11.

- h. Continuidade à segunda etapa do curso “Novo INRC – IPHAN”; realização da segunda revisão do livreto de Monteiro; visita técnica e imersão no XXV Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros (acompanhamento de toda a programação, entrevistas, realização do percurso Rota do Encontro, levantamentos fotográficos e audiovisuais, coleta geral de dados). Participação também nos Seminários *Cultura e Natureza 2025* e *Seminário Internacional Culturas Tradicionais e Populares e Justiça Climática — Diálogos Locais e Conhecimentos Globais* (MINC), com destaque para a mesa **“As pessoas como patrimônio”** (abordagens sobre processos de INRC, pesquisa e identificação integraram a discussão).
 - i. Continuidade na realização de reuniões on-line, revisão da produção do documento, conferência dos dados coletados e demais ações pertinentes; novas articulações com o Núcleo de Preservação do Patrimônio Material e Imaterial, ligado à Superintendência de Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria de Cultura do Estado, com o objetivo de discutir o trâmite legal para um possível registro do evento em nível estadual; articulações junto ao IBCTI (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), visando iniciar a interlocução entre as instituições para o processo de adesão da Casa Cavaleiro de Jorge à Rede Cariniana de preservação digital. Além disso, realização de ações de gabinete voltadas à elaboração da Ficha de Celebração, ao preenchimento do Modelo de Relatório PNAB, à produção da Linha do Tempo do Inventário e à estruturação propositiva de cinco mesas temáticas relacionadas ao inventário.
 - j. Participação no 8º Simpósio ICOMOS Brasil (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios): Oficina *Desenhando o Território, Mapas e Percepção: Inventários Culturais Participativos* – IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais); reuniões individuais com os consultores técnicos; revisão e maior detalhamento da Linha do Tempo do Inventário; alinhamento da produção geral do Inventário PNAB; preenchimento das fichas complementares, como Ficha do Projeto, Ficha do Território, Ficha de Fontes Pesquisadas e Ficha Relatório de Imagem; finalização e entrega do conjunto de fichas e Modelo de Relatório; preenchimento do cadastro on-line Gov.br (Novo INRC) e envio das fichas preenchidas para serem inseridas no Repositório do Novo INRC – Plataforma TANAIKAN IBRAM/IBICT/IPHAN pela equipe do IPHAN – DF.
 - k. Produção e realização de posts, vídeos e lives; entrega e devolutiva para a comunidade; entrega e prestação de contas do Edital PNAB – 2025; alinhamento de ações para disparar e formalizar o processo de análise da documentação do Inventário PNAB do Encontro de Culturas Tradicionais, destinado à Secretaria de Cultura do Estado de Goiás e aos departamentos responsáveis.
- Todas as ações citadas acima foram realizadas a fim de alcançar um preenchimento contundente da Ficha de

de Celebrações e das demais fichas complementares. A seguir, estarão inseridas nesses materiais as fichas mencionadas e os materiais complementares.

5. FICHAS DO INVENTÁRIO

5.1 FICHA DO PROJETO

Manual do Inventário Participativo IPHAN 2016

Título do Projeto: Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros

Nome da Escola, Instituição ou

Grupo/Bairro/Município/Estado: Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, Vila de São Jorge, localizada na Chapada dos Veadeiros, município de Alto Paraíso de Goiás/GO.

Nome dos integrantes da equipe:

Aristelina Avelino do Nascimento - "Tila" –
Presidente Casa de Cultura Cavaleiro de
Jorge

Ana Ferrareze – Coordenação de
Comunicação e Coordenação Geral

Juliano George Basso – Coordenação Geral

Jefferson Pereira Passos – Coordenação de
Produção Local

Liane Preuss – Coordenação Pedagógica

Joelma Paes – Coordenação Administrativa
e Financeira

Doroty Marques – Coordenação do projeto
Turma Que Faz /Opereta

Luana Otto – Coordenação de Produção e
Logística

Marjorie Yamaguti – Coordenação Artística

Bruno Garajau – Direção de Palco

Felipe Matrix – Coordenação da Rádio

Gabriela Barros Rodrigues – Pesquisadora
Turismóloga

José Fernando Saroba Monteiro –
Historiador

Geovani Taveira Lopes – Arquivista

Ester de Maria – Coordenação de
Audiovisual

Louyse Silva – Assistente de Pesquisa

Rodrigo Oliveira – Revisor Textual

Nome do monitor ou responsável, se for o caso:

Aristelina Avelino do Nascimento

Nome dos entrevistados:

Aristelina Avelino do Nascimento –
Presidenteda Casa de Cultura Cavaleiro de
Jorge

Sinvaline Pinheiro –Escritora

Raphael Veiga – Ex-secretário municipal de
Cultura de Alto Paraíso/GO

Aginaldo Araújo – Secretário Municipal de
Turismo e Cultura de Alto Paraíso/GO

Juliano George Basso – Coordenador de
Produção (em Ficha de Referências)

Doroty Marques – Coordenadora da Turma
Que Faz/Opereta (em Ficha de Referências)

Instituições participantes: Casa de Cultura
Cavaleiro de Jorge

Período de realização: 2001 – 2025

Referências/Manifestações culturais pesquisadas:

Nº de fotografias: 79

Fichas das categorias do patrimônio cultural utilizadas no Projeto

Lugares: 0

Horas de gravação de som: 116 min, 88 segundos

Objetos: 0

Nº de desenhos: 0

Celebrações: 1

Nº de transcrições de entrevistas: 4

Formas de Expressão: 0

Nº de cadernos de campo: Não contabilizados

Saberes: 0

Observações: Não constam

Total de fichas produzidas: 1

Documentação produzida

5.2 FICHA DO TERRITÓRIO

Manual do Inventário Participativo IPHAN 2016

Imagem do território



Foto 1: Vila de São Jorge, Alto Paraíso, Chapada dos Veadeiros, Goiás



Foto 2: Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, Vila de São Jorge, Alto Paraíso, Chapada dos Veadeiros, Goiás

Mapa do território

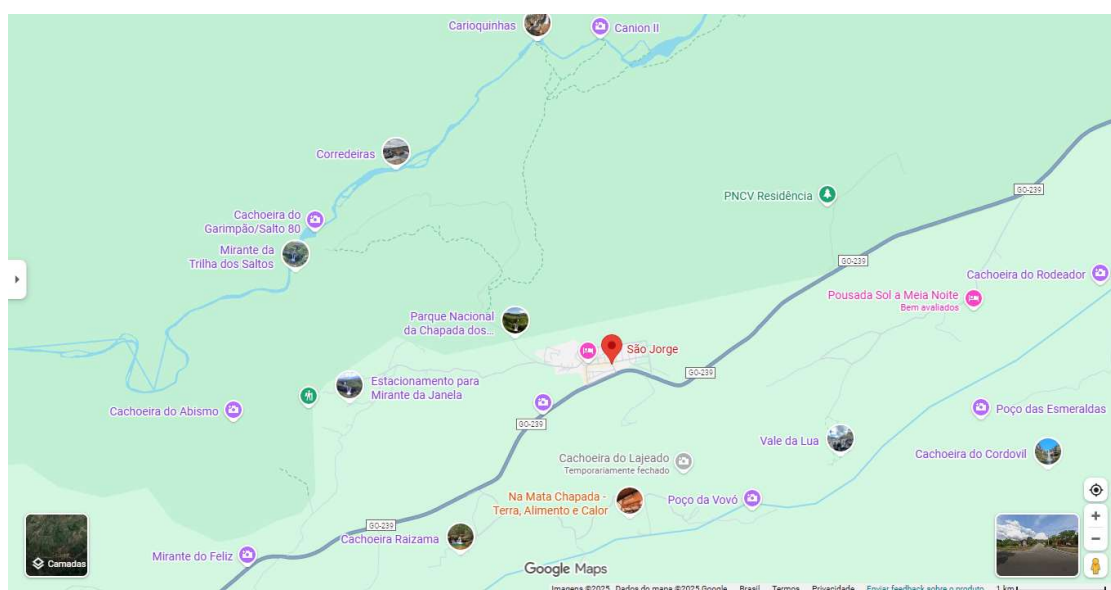


Foto 3: Mapa do Território. Fonte: Google Maps.

Denominação do território: Vila de São Jorge. O povoado ganhou inicialmente o nome de Baixa dos Veadeiros (ou simplesmente Baixa – devido ao relevo mais baixo em relação a Veadeiros, antigo nome de Alto Paraíso de Goiás) e somente na década de 1950, por iniciativa de Severiano da Silva Pires, passou a se chamar Vila de São Jorge, em homenagem ao santo de mesmo nome.

Outras referências de localização: A Vila de São Jorge está localizada no município de Alto Paraíso de Goiás, no nordeste goiano, a 36 km do centro da cidade, e é a principal porta de entrada para o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Sua posição geográfica privilegiada fica entre o vale do Rio Preto e o vale do Rio São Miguel. Além do parque, a vila está próxima a outras atrações naturais da região, como o Vale da Lua, a Cachoeira do Segredo e a Trilha do Abismo. O município de Alto Paraíso de Goiás - GO encontra-se a 425 km de Goiânia/GO e a 221 km de Brasília/DF com acesso pelas rodovias GO-060 e GO-118. O acesso via transporte aéreo se dá por meio do aeroporto de Brasília, embora existam aeródromos, como o da cidade de Alto Paraíso, para pousos privados na região e o acesso aos atrativos se dá por vias não pavimentadas em determinados trechos. Em divisão territorial datada de 2011, o município está constituído de dois distritos, sendo seu distrito sede a cidade de Alto Paraíso, e o distrito de São Jorge, conhecido como Vila de São Jorge.

Descrição: A Vila de São Jorge é porta de entrada para o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. O Parque Nacional protege 240 mil hectares de cerrado de altitude e, desde 2001, é Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO, com 120 cachoeiras catalogadas. Entre os atrativos mais visitados estão: Vale da Lua, Valle das Pedras, Cachoeira do Segredo, Janela, Abismo, Saltos do Rio Preto e Corredeiras. Os elementos visuais incluem Chapadões e Vales

Profundos. O relevo é caracterizado por grandes planaltos e vales esculpidos pela ação da água e do vento ao longo de milhões de anos. Localizada no paralelo 14, está assentada em uma placa de quartzo de 4.000m² cercada de rochas e paredões que conferem, segundo os esotéricos, proteção à região e, além disso, são responsáveis pelo “clima zen”. O famoso Vale da Lua possui formações rochosas que lembram crateras lunares, esculpidas pelas corredeiras do Rio São Miguel. A área é rica em recursos hídricos, com inúmeras cachoeiras e piscinas naturais, como as das Cataratas dos Couros, Cachoeira do Segredo e Loquinhos. A flora local é típica do cerrado, com árvores retorcidas e uma grande diversidade de espécies, incluindo flores e plantas nativas. A arquitetura da vila é predominantemente rústica. As construções utilizam materiais naturais e possuem um estilo que se integra à paisagem, com muitas pousadas, restaurantes e comércio de artesanato. Além de contar com bares, pizzarias, lojas, posto de saúde, escolas, quadra poliesportiva, igrejas, farmácia e supermercados.

Um importante ponto de referência da vila é a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge. A população fixa é pequena, cerca de 1.000 habitantes, mas a localidade atrai um grande número de visitantes, especialmente ecoturistas. Originariamente, a vila nasceu como um acampamento de garimpeiros (o "Garimpão") que exploravam cristais de quartzo. Com a criação do Parque Nacional, muitos moradores se voltaram para o turismo, trabalhando em pousadas, restaurantes ou como guias (condutores de visitantes). Foram produzidos espaços como centros holísticos, templos, cúpulas, spas que oferecem serviços de saúde diversos, como terapias naturais para desintoxicação do organismo, terapias de beleza e de bem-estar, meditação e relaxamento, além das ecovilas e fazendas orgânicas. Visitantes de diversas origens (nacionais e internacionais) formam um grupo flutuante significativo,

enchendo a cidade em épocas de alta temporada, como julho. A vila é sede do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, o que atrai artistas e participantes de manifestações culturais tradicionais do cerrado e do Brasil.

História: Alto Paraíso de Goiás teve sua ocupação marcada por povos indígenas e pelo ciclo da mineração, quando era denominado de Veadeiros, devido aos veados existentes na região, e pertencia ao município de Cavalcante. Em 1953, ocorreu sua emancipação e, posteriormente, recebeu o nome de Alto Paraíso de Goiás, devido à Fazenda Paraíso, localizada na região, e à sua altitude. A cidade abriga espaços que seguem a linha do movimento esotérico e espiritual iniciado na região com as fazendas-escola Bona Espero, em meados da década de 1950, e a Cidade da Fraternidade (Kardecismo), em 1960, seguindo com o movimento Nova Era, entre as décadas de 1960 e 1970, e atualmente organizados em mais de 40 grupos místicos, filosóficos e religiosos.

A história da Vila de São Jorge, em Alto Paraíso de Goiás, começou como um acampamento de garimpo de quartzo, a partir do final da década de 1940. O povoado, chamado anteriormente de Baixa, atraiu garimpeiros com o aumento da demanda mundial por cristais para equipamentos bélicos após a Segunda Guerra Mundial. Em meados dos anos 1950, a cotação do cristal caiu com a invenção do cristal sintético, e a construção de Brasília atraiu muitos trabalhadores. Depois do ciclo do garimpo, São Jorge sofreu uma estagnação econômica. No entanto, gradualmente, a região se transformou em uma referência quanto às pesquisas sobre meio ambiente, tornando-se Zona Núcleo da Reserva da Biosfera do Cerrado e Unidade de Conservação, abrigando o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

Com a criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, em 1961 (inicialmente Parque Tocantins e, desde 2001, reconhecido como Patrimônio Mundial Natural pela UNESCO), cada vez mais a população local passa a viver do turismo (ecoturismo), com os antigos garimpeiros, e seus descendentes, tornando-se guias, transformando as residências em restaurantes, lojas, pousadas e aproveitando terrenos livres para campings. A partir de 1989, a vila entrou em uma nova fase, impulsionada pela reabertura da estrada de terra que a ligava a Alto Paraíso e a chegada de novos moradores, artistas e aventureiros. Na década de 1990, a vila começa a ser frequentada por um grupo de estudantes de Goiânia (entre eles Juliano George Basso), que ficam encantados com a exuberância natural e com a riqueza cultural do lugar. Esses jovens, imbuídos do espírito de redemocratização pós-ditadura e de cidadania emanado pela Constituição Federal de 1988, assim como em consonância com a forte movimentação, luta e resistência popular do período, decidem ali se instalar e criar uma casa de cultura: a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge.

Dados socioeconômicos: conforme dados do IBGE, a população residente no município de Alto Paraíso de Goiás tem faixas etárias representativas entre os jovens (10 a 14 anos) e adultos (30 a 24, seguido de 20 a 24 anos). Em 2021, os alunos dos anos iniciais da rede pública da cidade tiveram nota média de 6 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 5.5. Juntaram-se a esta comunidade local pessoas que vieram de outros estados, se identificaram com o lugar e resolveram ficar, entre eles comparecem os esotéricos, os alternativos, os que se instalaram pelo comércio ainda na época do garimpo e os que vieram empreender na atividade turística. O PIB per capita do município é de R\$38.319,04 (2021) e o IDH chega a 0,713 (2010). Em 2021, o salário médio mensal era de 2,5

salários mínimos. A economia de Alto Paraíso de Goiás tem como base o setor do turismo e serviços. Segundo pesquisa realizada pelo Cadastur (2025), o quantitativo relacionado à prestação de serviços de turismo na cidade corresponde a meios de hospedagem (241); agências de turismo (43); restaurante, cafeteria, bar e similares (57); e guias de turismo (37).

5.3 FICHA DE CELEBRAÇÕES

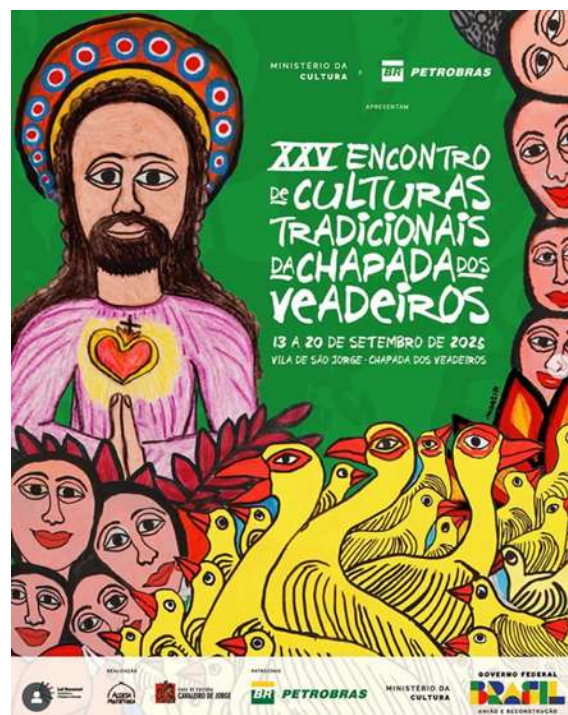
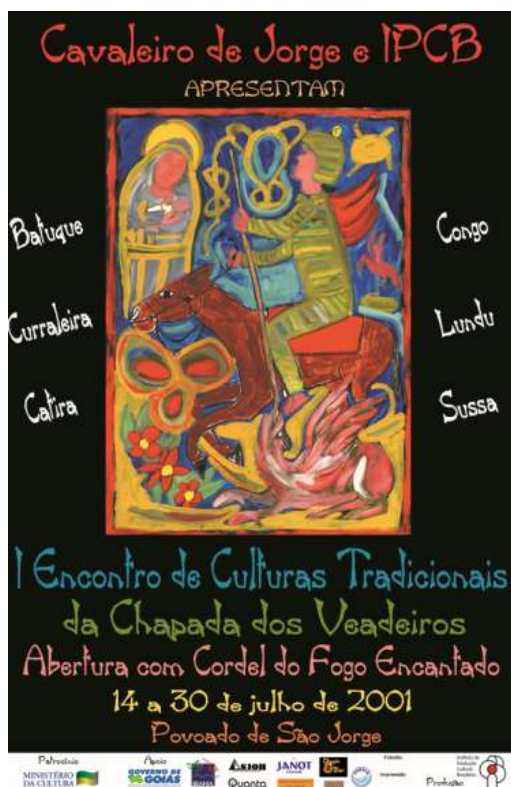
Manual de Inventário Participativo IPHAN (2016)

IDENTIFICAÇÃO

NOME

Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, Encontro de Culturas Tradicionais, Encontro de Culturas, Encontro, Encontrão, ECTCV.

IMAGEM



Cartazes do I (2001) e XXV (2025) Encontro de Culturas.
Fonte: Arquivo ECTCV.



Caçada da Rainha de Colinas do Sul no II Encontro de Culturas (2002). Fonte: Arquivo ECTCV.



Congo de Niquelândia no III Encontro de Culturas (2003). Fonte: Arquivo ECTCV.



Catira de São João d'Aliança no VI Encontro de Culturas (2006). Fonte: Arquivo ECTCV.



Sussa da Comunidade Kalunga no VI Encontro de Culturas (2006). Fonte: Arquivo ECTCV.



Terno de Moçambique do Capitão Júlio Antônio (MG) no VI Encontro de Culturas (2006). Fonte: Arquivo ECTCV.



Dança de São Gonçalo (MG) no X Encontro de Culturas (2010). Fonte: Arquivo ECTCV.



Maracatu Leão Coroado (PE) no VIII Encontro de Culturas (2008). Fonte: Arquivo ECTCV.

O QUE É?

O Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros é o maior encontro de culturas tradicionais do país, reunindo manifestações culturais não apenas goianas, mas de todo o Brasil e de outros países. O evento é sediado na Vila de São Jorge, distrito de Alto Paraíso de Goiás, que, até a década de 1990, tinha no garimpo a sua principal atividade econômica. Depois, com o fim deste ciclo, o ecoturismo tornou-se a principal fonte de sobrevivência para os seus habitantes, impulsionado pelo Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, localizado ao lado, criado em 1961 e em 2001 reconhecido como Patrimônio Mundial Natural pela Unesco. O Encontro de Culturas, em consonância com a proposta da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, responsável pela sua realização, surge como uma forma de valorizar os aspectos humanos e a fértil produção cultural da região.

O Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros inicia-se em 2001, com intuito de apresentar as mais autênticas manifestações tradicionais, promover experiências, vivências e o intercâmbio entre relações humanas e artísticas, além de valorizar e fortalecer o patrimônio imaterial brasileiro. O Encontro de Culturas passa a ser uma oportunidade singular de fazedores e mantenedores da cultura tradicional encontrarem-se, aprenderem uns com os outros e despertarem sentimentos de identidade e pertencimento.

ONDE ESTÁ?

O Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros é realizado na Vila de São Jorge, distrito de Alto Paraíso de Goiás/GO, a aproximadamente 230km de Brasília/DF e 430km de Goiânia. A vila está localizada às portas do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, instituído pelo Decreto nº 49.875 de 1961, que, devido à sua relevância socioambiental, em dezembro de 2001, foi incluído na lista de Patrimônio Natural Mundial da Humanidade pela UNESCO.

PERÍODOS IMPORTANTES

O Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros tradicionalmente acontece na segunda quinzena do mês de julho, havendo exceções e sendo ocasionalmente realizado em outros períodos, como em 2023 quando teve duas edições (em julho e em dezembro) e em 2025, quando foi realizado no mês de setembro.

HISTÓRIA

Na esteira da criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, em 1961, muitos projetos voltados para as questões ambientais começaram a chegar à Vila de São Jorge e à Chapada dos Veadeiros. Faltava, no entanto, alguma iniciativa preocupada com os aspectos culturais e humanos da região, espaço que a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge (CCCJ) ocupou.

A Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge surge em 1997, da iniciativa de um grupo de amigos, entre eles Juliano George Basso (o único a prosseguir com o projeto), pautada em um modelo sustentável de desenvolvimento, no respeito e diálogo com a comunidade, na participação, na criatividade, na troca de saberes e fazeres, no culto à ancestralidade, com o objetivo principal de dar vez e voz para que os autênticos

representantes do povo brasileiro, em sua pluralidade e multiplicidade, possam manifestar seus sonhos, suas identidades, promovendo a conexão entre diferentes expoentes e o fortalecimento das culturas tradicionais.

No ano seguinte à sua inauguração, em julho de 1998, a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge promove a sua primeira e mais importante ação, um festival independente de cultura – o Festival de Cultura de São Jorge – com artistas de Goiânia e da própria vila, destacando a serenata para Dona Maria Chefe (em que Lica e Jiomar cantaram) e os irmãos da família Segredo. Uma iniciativa que contou apenas com a participação voluntária de seus membros e a colaboração da comunidade local. O festival agradou e ganhou uma segunda edição no ano seguinte, em que se apresentaram os quilombolas da Comunidade Kalunga, a Caçada da Rainha de Colinas do Sul, o Congo de Niquelândia e a Catira de São João D’Aliança, que formariam a base do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros (ECTCV).

Tendo como alicerce os dois primeiros festivais realizados pela Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, em 1998 e 1999, em 2001 nasce o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, com o mesmo objetivo de destacar a cultura local, mas agora englobando expressões das culturas tradicionais de todo o Brasil, tornando-se um grandioso encontro de arte, música, dança e fé. Segundo declaração de Juliano Basso, idealizador do Encontro e então Diretor Geral da CCCJ:

Fomos guiados pela vontade de fazer com que comunidades nunca antes ouvidas pelo poder público pudessem erguer a voz e mostrar toda sua sabedoria. Foram os povos indígenas,

quilombolas, mestres, brincantes, catireiros, violeiros, artistas e todos os representantes da riqueza do patrimônio cultural imaterial produzido nos interiores do Brasil que fizeram esse chamado (Basso apud Iberculturaviva (site), 15 fev. 2016).

As duas experiências anteriores, com o Festival de Cultura de São Jorge, permitiram a criação de um evento mais sólido e maduro. Assim nasce o I Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, que passa a ser uma oportunidade singular de fazedores e mantenedores das culturas tradicionais encontrarem-se, aprenderem uns com os outros e despertarem sentimentos de identidade e pertencimento.

Célio Turino, historiador e gestor de políticas públicas, faz questão de destacar a riqueza da “arte do encontro” em seus comentários no texto incluído na obra *Arte do Encontro das Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros* (2013), que celebrava o 13º aniversário do ECTCV:

Vem gente de alto a baixo, de todos os lados, de outras Chapadas também. Uma gente que faz arte e vista do alto, de onde o céu é mais azul e a noite mais estrelada. E ganha novas formas na arte do Encontro. Rezadeiras e seu conhecimento da propriedade medicinal das plantas, da força curativa de cada folha, de cada caule, de cada rama. Milênios de observação, iniciados com os indígenas na sabedoria dos pajés, repassados aos quilombolas, transformados no encontro entre a Jurema sagrada e a força dos Orixás, deuses de uma natureza que tudo dá; e novamente transformados nos cantos, nas rezas e na fé de um povo que faz da mistura a sua religião. Crendice?

Ciência? Fé? Um pouco de tudo. E que cura. [...] Para lá vai gente de todos os cantos do mundo. Krahôs, xavantes, hippies, ambientalistas, quilombolas, fulni-ôs [sic], kariri-xocó, goianos, ingleses, brasilienses, paulistas, gregos e troianos. Músicos, cineastas, turistas, artistas, agricultores, pastores, semeadores, gestores públicos, ativistas (Turino apud Basso; Fonteneles, 2013, p. 19-20).

A primeira edição é concebida com o apoio de órgãos públicos, como o Ministério da Cultura e a EMBRATUR, que reconhecendo a importância desta realização, apoiaram financeiramente o Encontro. Também foi importante a contribuição do Instituto de Produção Cultural Brasileira (IPBC), que colaborou por meio de um curso de produção cultural realizado em Brasília, e da Associação de Moradores da Vila de São Jorge (ASJOR). Foram quinze dias de evento neste primeiro ano, deixando evidente a importância e o potencial desta realização.

Ao longo do tempo, a proposta inicial de reconhecer e valorizar as culturas tradicionais permaneceu forte. Mas, sem se estagnar, o Encontro se mantém em constante transformação, atendendo as demandas de cada tempo, não raro fazendo fusões perfeitas entre tradição e modernidade, permitindo que coexistam no mesmo espaço a congada e o *hip hop*, o *rock* e a catira, a contação de história e o cinema, o artesanato e o comércio virtual e que artistas renomados se apresentem ao lado das comunidades tradicionais. Aliás, essa é uma metodologia que sempre fez parte do propósito do Encontro, pois, ao levar um nome conhecido para o evento, aproxima o grande público das culturas tradicionais. É um novo mundo que se abre aos seus frequentadores, um verdadeiro encontro com a riqueza da cultura popular,

geralmente esquecida nos centros urbanos e pela grande mídia, consequentemente afastada do conhecimento de boa parte da população, mas que ali tem seu protagonismo.

As quatro expressões que estiveram presentes desde o início do Encontro de Culturas se fixaram durante as muitas edições: a Sussa da Comunidade Kalunga, o Batuque da Caçada da Rainha de Colinas do Sul, o Congo de Niquelândia e a Catira de São João D'Aliança. Nas palavras de José Nilo, representante da Caçada da Rainha de Colinas do Sul: "Devemos muito ao Encontro de Culturas Tradicionais. A nossa tradição tinha um valor que a gente mesmo não conhecia. Percebemos que mesmo sendo tudo tão simples, as pessoas valorizavam muito..." (PPCCCCJ, 2023, p. 27). A estas quatro principais somou-se a Opereta da Turma Que Faz, projeto infanto-juvenil coordenado pela mestra Doroty Marques e que, desde 2004, junta-se ao Encontro de Culturas, apresentando temáticas culturais e ambientais, enfatizando a importância do cerrado, de sua fauna e sua flora. Obstante essas manifestações constituírem a base sólida do ECTCV, ao longo dos seus 25 anos de existência são incontáveis os grupos e artistas que se associaram a esta grande realização.

Não podemos esquecer da participação do artista plástico Moacir Faria (falecido em julho 2025), nativo de São Jorge, que faz parte desta história desde o início, criando, com sua arte, a identidade visual do Encontro de Culturas. Suas pinturas, imaginativas e com motivos regionais, integram-se perfeitamente às expressões que ali se apresentam e se caracterizam como uma atração à parte do Encontro.

O ECTCV é um lugar de transformação social, aponta Patrícia Sueza, autora do livro *Interculturalidade e Território: O Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros*

(2019), no qual destaca a importância do Encontro de Culturas para a valorização da riqueza e diversidade cultural brasileira representada por seu patrimônio imaterial. Para a pesquisadora, o Encontro se constitui como um espaço de resistência, através dos ensinamentos dos povos tradicionais e originários presentes, das trocas de experiências, da promoção do fortalecimento das identidades, da preservação do meio ambiente, dentre outros.

É imprescindível notarmos que o Encontro de Culturas prima pela valorização da diversidade, tão caracteristicamente brasileira, e pela união de diferentes povos, manifestações, vertentes, que têm ali o lugar ideal para manifestarem seus ritos, danças, costumes, dialogarem uns com os outros e com o público em geral, estabelecendo laços permanentes que solidificam a cultura tradicional, reforçam as ancestralidades e dão visibilidade às culturas tradicionais, muitas vezes ameaçadas pelo desinteresse das novas gerações e pelo descaso das políticas culturais.

O ECTCV nasceu, cresceu e se amadureceu ao longo de seus 25 anos. Suas apresentações musicais, danças, cortejos, marcaram gerações e ainda hoje o Encontro é palco para as lutas e resistências dos legítimos representantes da cultura tradicional, que neste Encontro podem dar continuidade aos seus festejos, costumes e crenças.

SIGNIFICADOS

A relação entre o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros e a comunidade da Vila de São Jorge é intrínseca e longínqua, pois, desde o início, teve como razão de ser a valorização da cultura local e regional. Foram os moradores da vila que auxiliaram na construção da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge e desde sua primeira edição o Encontro de Culturas conta com o apoio da Associação de

Moradores da Vila de São Jorge (ASJOR), que em 2001 ainda não estava institucionalizada, mas demonstrava a integração entre o Encontro e a comunidade, servindo, inclusive, como sede para os organizadores durante a realização do Encontro até 2008.

A intenção de voltar olhares para as práticas artísticas e para as culturas tradicionais, muitas vezes sob risco de extinção, por si só, já seria uma justificativa relevante para uma realização como esta. Entretanto, além disso, o ECTCV beneficia a região e a comunidade em que se localiza, pois se torna um enorme atrativo para visitantes que dinamizam o fluxo turístico, movimentam a economia e geram renda aos habitantes. No período de evento a região chega a receber em torno de 30 mil visitantes, do Brasil e do exterior. Por estes motivos, a proposta foi acolhida e abraçada pela comunidade da Vila de São Jorge que, mais do que compreender essa iniciativa, vê-se como parte dela.

DESCRIÇÃO

Diante os levantamentos relacionados às atividades de construção do evento em seus períodos específicos, foram levantadas tais etapas, que são descritas a seguir:

ETAPAS DE PRODUÇÃO

a. Pré-Produção (Duração: 3 meses):

A pré-produção abrange as atividades preliminares para estruturação das atividades, otimizando o tempo e os recursos investidos para execução do projeto, e envolve:

- Reunião geral de equipe base do projeto, em que se prevê a estruturação da proposta encaminhada em relação à

realidade atual, bem como a adaptação aos cronogramas de execução física e financeira;

- Contratação de equipe base do projeto, sendo esses profissionais os coordenadores de cada área;
- Fechamento da concepção curatorial para cada uma das entregas do projeto, prevendo atividades a serem realizadas e espaços a serem montados;
- Fechamento da identidade visual a ser aplicada em peças gráficas e ações de comunicação;
- Planejamento da estratégia de execução e comunicação;
- Formação de núcleos de produção;
- Concepção da decoração do evento, respeitando o perfil curatorial do projeto;
- Fechamento da programação geral para cada uma das atividades a serem realizadas, destacando as oficinas de capacitação e atividades complementares;
- Produção de conteúdo para campanha de comunicação;
- Elaboração de minuta de contrato para fornecedores;
- Elaboração de modelos de relatórios de equipe a serem

produzidos para avaliação e mensuração dos resultados do projeto.

b. Produção (Duração: 3 meses):

A etapa de produção (execução) do projeto compreende a divulgação, montagem e a realização do evento principal e suas ações prévias, observando ainda a produção de materiais e prestação de serviços, visando atender os princípios da economicidade e sustentabilidade na montagem. Esta etapa envolve:

- Aplicação de identidade visual nas peças de comunicação para o evento, bem como encaminhamento das mesmas para aprovação do patrocinador;
- Contratação de toda a equipe de produção executiva do projeto;
- Início das ações da campanha de comunicação;
- Sinalização com *outdoor* e outras placas;
- Contratação de serviços e infraestruturas;
- Articulações para realização das ações de capacitação;
- Convites a oficinairos das ações de capacitação;
- Realização de ação social de capacitação em gerenciamento de resíduos sólidos;

- Coleta e triagem, manejo e destinação dos resíduos gerados pelo evento;
- Liberação de área de produção e demais alvarás necessários para realização de evento de grande porte;
- Contratação da programação artística para as atividades;
- Fechamento de expositores para a feira;
- Montagem de estruturas nos locais do evento;
- Montagem de decoração e *banners* de sinalização;
- Instalações elétricas;
- Instalações de pontos de água para atender os locais de atividades e banheiros;
- Receptivo e hospedagem de convidados do evento;
- Limpeza e desmontagem do local do evento;
- Produção de relatórios e dados do evento;
- Edição do material de registro do evento;
- Prestação de contas parcial ao patrocinador;

c. **Pós-produção (Duração: 2 meses):**

Esta etapa ocorre após a finalização das atividades e tem por objetivo o

levantamento dos dados gerais e a realização de um balanço sobre o que foi feito, além de prestação de contas, envolvendo:

- Edição do material de registro do evento;
- Produção de relatórios e dados;
- Coleta de declarações e comprovações de realização geral do projeto;
- Avaliação dos resultados alcançados com a execução do projeto;
- Fechamento de relatórios e formulários de prestação de contas.

A programação do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros é múltipla e diversa como a sua natureza, agregando manifestações tradicionais, contemporâneas, mestres e fazedores de cultura, artesãos, artistas circenses, pesquisadores, autoridades e uma infinidade de pessoas que se consagram como representantes da cultura ou estão a ela associados.

Como assinalado anteriormente, o Encontro de Culturas possui cinco manifestações-base, que acompanham a sua trajetória desde o início e que, portanto, constituem parte essencial para a sua realização: a Sussa da Comunidade Kalunga, o Congo de Niquelândia, a Caçada da Rainha de Colinas do Sul e a Catira, Festas e Folias de São João d'Aliança. Importante ressaltar que essas manifestações não são apresentadas na íntegra na Vila de São Jorge, o que ocorre em suas próprias comunidades, sendo reservado partes delas para o Encontro de Culturas - como o

Batuque da Caçada da Rainha, o cortejo do Congo de Niquelândia, etc. - representando com seus cantos e danças as festas que *per se* são mais amplas. Sobre essas manifestações principais segue uma breve descrição individualizada:

COMUNIDADE KALUNGA

Na língua banto, de origem africana, “Kalunga” significa lugar sagrado, de proteção. No sentido dado pelos moradores do Sítio Histórico, significa “lugar sagrado que não pode pertencer a uma só pessoa ou família”, ou “lugar onde nunca seca, arável, sendo bom para as horas de dificuldade”. A terra começou a ser habitada em meados do século XVIII, quando africanos escravizados fugiram em busca de liberdade.

Era o período de colonização da região de Goiás em busca do ouro e da garimpagem, em que, além das populações nativas e indígenas, africanos foram escravizados como mão de obra barata. Em busca de libertação, estes escravos fugiram e criaram seu quilombo em uma terra de difícil acesso, com serras, vãos e rios. Distante dos parentes e amigos que ficaram para trás. Os Kalungas representam um povo que se escondeu e luta, há cerca de 300 anos, por sua comunidade, pela liberdade e sobrevivência.

O quilombo Kalunga ocupa 237 mil hectares e abriga mais de 4.500 pessoas. São quatro núcleos principais de população: Contenda, Vão de Almas, Vão do Moleque e Ribeirão de Bois, que ficam nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, na Chapada dos Veadeiros. Esses núcleos são formados por pequenos povoados como Engenho, Diadema, Riachão, Ema, entre outros. No entanto, mesmo com esta divisão, é difícil visualizar o habitat da população.

As festas populares dos Kalunga são sua marca registrada. A forte religiosidade do povo é demonstrada por meio dos festejos em

homenagem aos santos de cada época. As festas são a caracterização genuína da cultura popular, em que o sagrado e o profano se misturam. Rezas e a dança da Sussa, o tradicional Levantamento do mastro do Divino e a mesa cheia de comidas e bebidas para a Festa do Império Kalunga, com a coroação do imperador e da rainha. (Comunidade do Sítio Histórico Kalunga, Encontroteca).

CONGO DE NIQUELÂNDIA

De acordo com os congadeiros, em Niquelândia, a tradição da congada nasceu no quilombo Xambá, onde viviam negros escravizados fugidos das senzalas de Vila Boa (Cidade de Goiás), Meia Ponte (Pirenópolis) e São Félix (Cavalcante). O grupo homenageia Santa Efigênia, a protetora do município. Registros apontam que a santa era uma mulher negra, foi escravizada e, depois, atirada em uma fogueira. Para os devotos e participantes da congada, ela é uma rainha.

Tudo começa com a capina do largo. Em seguida, são realizados o levantamento do mastro da santa, o cortejo, a procissão, as missas e almoços de confraternização oferecidos pela imperatriz e o imperador de Nossa Senhora do Carmo. A organização fica por conta dos chamados festeiros, responsáveis pelo preparo da festa. Ao todo, são cinco festeiros de Santa Efigênia e cinco de Nossa Senhora do Carmo. A congada trabalha para as Santas, cantando e dançando, em uma formação fixa, constituída por duas filas paralelas, na rua e nas casas dos festeiros e promesseiros.

Registros históricos datados de 1794, encontrados no Conselho do Vaticano, na Itália, já dão conta da Irmandade e da Congada de Santa Efigênia. Esses papéis atribuem à Irmandade a responsabilidade de zelar pelo patrimônio das disciplinas dela própria e dos congos.

De acordo com estudo realizado por Sebastião Rios e Talita Viana, da Universidade Federal de

Goiás, intitulado *A performance do olhar: a Congada de Santa Efigênia através do olhar de Johann Emanuel Pohl*, a Congada de Niquelândia foi vista e descrita pela primeira vez pelo médico, botânico e mineralogista Johann Emanuel Pohl (1782-1834). Segundo os pesquisadores, Pohl esteve no Brasil como membro da expedição que acompanhou a comitiva nupcial da Arquiduquesa Leopoldina da Áustria, que se casaria com Dom Pedro I, herdeiro do trono português, que vivia no Brasil. Pohl relata que durante sua passagem pelo país, a comitiva participou da festa de Traíras, rebatizada de Tupaciguara e hoje município de Niquelândia.

Na festa predominam-se traços próprios dos povos centro-africanos, pertencentes ao tronco linguístico cultural banto, que caracterizam o catolicismo negro. Em Niquelândia, o costume da festa passa de pai para filho, de geração a geração, sobrevivendo ao longo dos anos. (Congo de Niquelândia, Encontroteca).

CAÇADA DA RAINHA DE COLINAS DO SUL

A devoção às divindades homenageadas é celebrada em diversas cidades de vários estados brasileiros, sendo que em Goiás a festa da Caçada da Rainha é realizada também nos municípios de Flores de Goiás, São João D'Aliança (povoado do Forte) e Cavalcante (povoado de Capela), cada uma com suas especificidades.

Segundo a versão divulgada pela Secretaria de Turismo do Município de Colinas do Sul ao longo dos últimos anos, a origem da Caçada da Rainha resultou do medo que a Princesa Isabel teve do pai, Pedro II, ao saber que ela havia assinado a Lei Áurea, libertando os negros escravizados. Daí, temendo a repreensão, assim que soube que o imperador estava vindo de Portugal para o Brasil, a princesa reuniu sua comitiva e, a cavalo, foi esconder-se na mata, até seu pai se acalmar. Assim que soube que a filha havia fugido, Pedro II

preparou outra comitiva para procurar Isabel. A notícia correu a província e, ao saberem, os negros escravizados resolveram preparar uma festa de agradecimento para recepcionar a princesa.

A festa é encenada anualmente na cidade e o tradicional Batuque da Rainha refere-se à festa da alforria, quando os libertos comemoravam a recém-alcançada liberdade. (Caçada da Rainha de Colinas do Sul, Encontroteca).

CATIRA DE SÃO JOÃO D'ALIANÇA

Originários da cidade de São João d'Aliança, existem diversos grupos de Catira que surgiram principalmente na zona rural, quando o município era apenas um povoado. Eles iniciaram-se nas lavouras, nas roças, na época dos mutirões. Quando chegava a luz da lua, todos se reuniam e divertiam-se com a dança da catira.

Nesta época, os grupos não eram formados por nome ou qualquer titulação era dada, já que ali dançavam os que sabiam. Os que não sabiam apreciavam e aqueles que queriam aprender imitavam os bons catireiros. O mundo rural propunha sempre que possível momentos como esse.

O prestígio da comunidade pela dança e a preocupação em repassar a prática de geração a geração, dos principiantes aos mais velhos, foi o que motivou a criação dos grupos, hoje em dia já com nomes estruturados, como o Catira Aliança. As apresentações são sempre atreladas às festas religiosas, como a do Divino, a de São João, a da Caçada da Rainha e a de Folia de Reis.

A maioria dos grupos compõe modas de viola e recortados para a dança, alguns gravam CDs e fazem diversas demonstrações por todo o estado de Goiás. Mato Grosso, São Paulo, Minas Gerais e o Distrito Federal, fora outros destinos. Ao longo

dos 25 nos do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, diversos grupos já participaram do evento (Catira de São João d'Aliança, Encontroteca).

OPERETA POPULAR DA TURMA QUE FAZ DOROTY MARQUES

O Projeto Turma Que Faz é concebido e desenvolvido por Doroty Marques há mais de 40 anos, sendo desde 2004 desenvolvido na Chapada dos Veadeiros em parceria com a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge. Artista popular, Doroty integra natureza, arte e educação, promovendo a sensibilidade e a expressão livre das crianças e adolescentes. O método pedagógico único de Doroty Marques, consolidado durante décadas de arte-educação pelo Brasil, utiliza a criação artística como um meio para despertar a sensibilidade e a consciência em relação a si, às relações e a comunidade, em relação ao ambiente local e ao planeta.

A Turma Que Faz acontece na Vila de São Jorge, com crianças e jovens do núcleo urbano. Distrito de Alto Paraíso de Goiás, o vilarejo tem cerca de mil habitantes e se encontra aos pés da entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Recebe um volume de turistas que transitam diariamente por uma comunidade que tem, ainda, acesso limitado aos bens públicos comuns, assim como oportunidades de envolvimento artístico e cultural.

O Projeto Turma Que Faz atua na educação informal, no contra-turno escolar. O repertório das ações e a produção de conhecimento articulam pessoas, saberes, narrativas e personagens que compõem o espectro cultural da sociedade. Tendo a arte como linguagem e a natureza como campo de engajamento, as crianças e adolescentes se desenvolvem artisticamente ao longo de um processo em que preparam um espetáculo para apresentação pública: a Opereta

Popular. As experiências colaborativas de confecção de figurinos, de arranjos musicais e coreografias, bichos e artefatos de cenário, constroem todas as etapas do espetáculo.

OUTRAS

O Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros é múltiplo e plural, de modo que, para além das cinco manifestações principais, descritas acima, inclui inúmeras outras manifestações tradicionais de todo o Brasil e até de outros países, envolvendo também diversas outras atividades relacionadas à cultura tradicionais, de forma regular ou intermitente, algumas das quais aparecem listadas abaixo:

- Feira de Experiências Sustentáveis do Cerrado
- Rodas de Prosa
- Oficinas
- Shows
- Encontro de Congadas
- Encontro de Capoeira Angola
- Encontro de Lideranças Quilombolas
- Mostra de cinema
- Mostra de fotografias
- Encontro Literário
- Encontro Mundial de Perna de Pau
- Festival Internacional de Piadas
- Outras expressões (circo, mamulengo, teatro, entre outros).

PESSOAS ENVOLVIDAS

Organizadores

- Aristelina Avelino do Nascimento - "Tila"
– Presidente Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge
- Juliano George Basso – Coordenação Geral
- Doroty Marques – Coordenação Turma Que Faz /Opereta
- Ana Ferrareze – Coordenação de Comunicação e Coordenação Geral
- Jefferson Pereira Passos – Coordenação de Produção Local
- Liane Preuss – Coordenação Pedagógica
- Joelma Paes – Coordenação Administrativa e Financeira
- Marjorie Yamaguti – Coordenação Artística
- Ester de Maria - Coordenação de Audiovisual

Equipe técnica: todos os anos são contratados profissionais distintos, o que implica não constar detalhamento de informações neste momento.

Colaboradores: todos os anos são contratados profissionais distintos, o que implica não constar detalhamento de informações neste momento.

COMIDAS E BEBIDAS

As comidas e bebidas contidas nas descrições abaixo são referentes às cinco manifestações culturais elencadas como as principais do ECTCV. Porém, é importante ressaltar que a Vila de São Jorge apresenta uma diversificada oferta de

serviços relacionados à culinária e à gastronomia, que valorizam os ingredientes locais, voltados a uma cozinha bem regionalizada, mas que também apresenta receitas brasileiras e cardápios clássicos mundiais. Ainda é importante mencionar itens como hambúrguer, tapiocas, pastéis, entre outros.

A fim de descrever as comidas e bebidas das manifestações culturais alicerces, segue a descrição:

COMUNIDADE KALUNGA

Mesa do Divino e cardápio: na Comunidade Kalunga, o cortejo do Império do Divino Espírito Santo culmina com o imperador, a rainha e toda a corte sentando-se à mesa, fartamente servida e ornamentada. Nesse momento: "Os mordomos servem vinho, pinga e café com bolos e biscoitos aos presentes, primeiro aos monarcas e à corte." (Baiocchi, 2013, p. 62). Além disso: "O cardápio da Festa compõe-se de arroz e feijão com mistura (carne e toucinho salgado e preparado para a ocasião) e guariroba, além dos doces que acompanham a refeição." (Baiocchi, 2013, p. 62).

CONGO DE NIQUELÂNDIA

Almoço de confraternização: no Congo de Niquelândia é oferecido o almoço de confraternização pelo imperador e pela imperatriz, logo depois do cortejo. A tradição é antiga e remonta os séculos passados, como podemos notar na descrição de Johann Emanuel Pohl (que acompanhou o congo no município ainda no século XIX), que: "Chegando à casa, os dignitários ainda festejam o dia com um banquete em que as principais personagens passam a ser o feijão e a aguardente de cana." (Pohl apud Rios; Viana, 2010, p. 04).

CAÇADA DA RAINHA DE COLINAS DO SUL

Refeições: nos giros de folia, as refeições são oferecidas para os foliões e as pessoas presentes numa barraca construída especialmente para essas ocasiões, próxima à casa. Momentos antes de iniciar as refeições, o Guia e o Alferes costumam fazer o relatório, com todos os foliões reunidos, chamando a atenção para os problemas que porventura ocorram e as decisões tomadas.

Na hora das refeições, há regras que devem ser cumpridas. Os lugares ao centro da mesa são ocupados pelos alferes, que são os primeiros a se servirem, seguidos pelos guias e demais foliões. Os participantes comuns aguardam os convidados de honra se alimentarem, pois, eles são representantes do sagrado e, assim, autoridades para os que acreditam. A partir daí, todos podem se servir, pois é costume que as pessoas presentes se alimentem.

A comida deve dar para todos e sobrar. O cardápio típico é a guariroba com carne de porco, acompanhada de arroz branco, feijão tropeiro, carne de panela e mandioca. A comunidade auxilia nos gastos com doações e no preparo dos alimentos. Para o café da manhã há muitos bolos, sendo que o mais apreciado é o bolo de arroz na palha da bananeira, chamado de Bolão ou Cartucho. Observa-se que para organizar as refeições da Folia exige um grande esforço.

Após o período da alimentação, os foliões cantam o Bendito de Mesa, para agradecer e rogar às Divindades pelos festeiros. Esse canto é realizado realmente em volta da mesa. Os moradores colocam um pote de farinha com garfos apontando para cima, representando a germinação das sementes na terra.

Os foliões, após um breve descanso, retornam à barraca dos festeiros para brincar catiras como modas, minuanos e curraleiras conforme o desejo

dos festeiros e das pessoas presentes (Basso, [2007], pp. 30-31).

Licor/Leite de onça: a principal bebida servida tradicionalmente na festa da Caçada da Rainha é o licor feito de frutos da região, como acerola, jabuticaba, abacaxi, tamarindo e jenipapo, sendo este último o mais procurado. O leite de onça também é outra bebida comumente servida no batuque da rainha (Basso, [2007], p. 38). O leite de onça é feito com leite de coco, leite condensado e alguma bebida alcoólica, como cachaça.

CATIRA DE SÃO JOÃO D'ALIANÇA

Comidas: na catira não há um tipo de comida ou alimento específico, mas o hábito rural costuma incluir comidas e bebidas nos festejos, especialmente quando estes duram muitas horas ou adentram a noite com músicas e sapateados.

Queimadinha: a "queimadinha" é uma bebida que fica em uma panela posicionada no palco junto aos catireiros e começa a ser distribuída para o público logo que começa a apresentação. Francisco Romualdo do Rosário [F.R.], coordenador da catira, explica o que é a queimadinha:

É uma bebida feita com açúcar, casca de laranja e cachaça. É realmente uma queimadinha na língua... [risos]. Ela é uma mistura dos ingredientes em uma panela. Ao finalizar, F.R. coloca fogo para o açúcar derreter e o sumo da casca da laranja se juntar à mistura, formando uma bebida, além de forte, também doce. (02/12/2011) (Rosário apud Teixeira, 2012, p. 134).

OPERETA DA TURMA QUE FAZ

Não existem ações relacionadas à alimentação.

ROUPAS E ACESSÓRIOS

COMUNIDADE KALUNGA

Império do Divino Espírito Santo: o Império do Divino Espírito Santo é uma festa esteticamente bonita e glamourosa:

“A rainha veste um longo vestido branco com dourado brilhante e o rei, um terno preto, gravata, usa óculos e um chapéu prateado, feito de material plástico. Um casal de ‘anjos’ é escolhido. O menino acompanha o rei e a menina, a rainha. Ambos trajam roupas especiais que lembram as roupas do casal real. O rei se prepara para a festa em seu barraco, e a rainha se prepara em outro barraco, geralmente eles não são casados, visto que a escolha é feita por sorteio.”
(Siqueira, 2006, p. 59).

Sussa: na Comunidade Kalunga, a Sussa é dançada pelas mulheres com saias rodadas, que pode ser estampadas ou não, rodopiando ao som da música. Na cabeça, geralmente, usam um lenço amarrado e, no alto, equilibram uma garrafa de bebida enquanto realizam a dança.

CONGO DE NIQUELÂNDIA

Os congadeiros de Niquelândia usam roupas brancas em homenagem à Santa Efigênia e também para representar a influência da cultura africana na tradição. Usam, ainda, um lenço branco na cabeça, preso com uma faixa decorada com medalhas de santos.

Os enfeites nas faixas variam de acordo com o gosto e devoção de cada participante. Presas à faixa, na parte de trás da cabeça, os congadeiros colocam penas de ema, simbolizando os indígenas Avá-Canoeiro da região. Compondo o resto do figurino estão a calça, saíote, camisa e

paletó branco, além de uma tanga vermelha, com lenços amarrados.

De acordo com Rosiane Ribeiro Silva, coordenadora de eventos da Irmandade, o Congo de Niquelândia é o único que utiliza os penachos em sua indumentária. Segundo ela, quando os negros do quilombo chegaram à cidade, se aproximaram dos Avá-Canoeiro que já viviam no local.

Encantados pela animação do congo, os indígenas juntavam-se ao grupo para dançar e presenteavam os congueiros com penachos e saíotes confeccionados por eles e incorporados à tradição.

CAÇADA DA RAINHA DE COLINAS DO SUL

No Batuque da Rainha, uma das partes da celebração da Caçada da Rainha que é apresentada no Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, as dançarinas usam roupas específicas:

Atualmente, as vestimentas das batuqueiras são personalizadas para o Batuque nas cores vermelho e branco: saias compridas e rodadas, camisetas e lenços amarrados na cabeça; imitando a indumentária do cotidiano dos tempos passados. Também grupos de pessoas costumam se ‘uniformizar’ com camisetas personalizadas com frases das músicas do Batuque (Basso, 2006, p. 42).

As cores branca e vermelha, presentes nas vestimentas e nas fitas que adornam as garrafas que equilibram na cabeça enquanto dançam, tradicionais da Festa do Divino Espírito Santo, representam, respectivamente, a paz e o fogo do Espírito Santo e o sangue de Cristo.

CATIRA DE SÃO JOÃO D'ALIANÇA

A catira é uma união de música e dança, na qual as roupas possuem uma grande importância na composição estética e também sonora, na medida em que as botas cumprem uma função percussiva. Segundo Maisa França Teixeira:

“Quanto ao vestuário, esse elemento ganha notoriedade nas apresentações, hoje os grupos (modernos) dançam com as botas/botinas, as calças jeans e as camisas alternam-se, contudo predominam o xadrez e as listras, lenços coloridos e cintos com fivelões.”
(Teixeira, 2012, p. 95).

OPERETA POPULAR DA TURMA QUE FAZ E DOROTY MARQUES

Os figurinos das Operetas Populares são construídos anualmente para a apresentação do espetáculo. A composição dos personagens utiliza elementos das culturas tradicionais e populares, com cores vibrantes e materiais tradicionais. A composição dos figurinos dos personagens é elaborada de maneira coletiva pelos participantes do projeto.

No intrínseco processo de criação das **Operetas Populares** do Projeto Turma Que Faz, os figurinos transcendem a função de vestimentas cênicas, consolidando-se como expressões visuais tangíveis de um patrimônio imaterial dinâmico e coletivo. A cada ciclo anual, a concepção e a materialização desses trajes representam um ato de co-criação que reflete a essência pedagógica e cultural do projeto.

A elaboração dos figurinos é um empreendimento fundamentalmente **coletivo**, envolvendo ativamente os participantes do projeto. Este processo colaborativo não apenas distribui as responsabilidades artísticas, mas também funciona como uma oficina de transmissão de

saberes, onde técnicas de design, costura e montagem são compartilhadas e aprendidas. A participação direta dos jovens na construção de suas próprias vestes cênicas fortalece o senso de pertencimento e agência criativa, transformando cada peça em um repositório da dedicação e imaginação do grupo.

A estética dos figurinos é profundamente enraizada na **cultura popular**, servindo como um elo visual com as narrativas, os personagens e os temas explorados nas operetas. Elementos do folclore brasileiro, da rica biodiversidade do Cerrado (com seus seres mitológicos e sua fauna e flora singulares) e das tradições comunitárias são transfigurados em formas e texturas que compõem a indumentária. Essa inspiração na cultura popular não só autentica a representação, mas também reafirma a identidade cultural dos participantes e da comunidade.

A paleta de cores vibrantes é uma característica distintiva, infundindo energia e alegria nas apresentações. Estas cores não são escolhidas ao acaso; muitas vezes, elas ecoam a exuberância natural do ambiente ou as tonalidades festivas presentes em celebrações populares. Paralelamente, o emprego de materiais tradicionais na confecção sublinha o respeito e a valorização das práticas artesanais e dos recursos disponíveis localmente, conectando a criação artística a uma economia criativa e sustentável.

Os figurinos, ao incorporarem esses elementos, tornam-se veículos narrativos que comunicam visões de mundo, tradições e aspirações. Eles são artefatos carregados de significado, produtos de um saber-fazer compartilhado que se manifesta no brilho das cores, na textura dos materiais e na representação icônica de personagens que habitam o imaginário coletivo. Dessa forma, cada figurino é mais do que um traje; é uma camada de

história, identidade e criação coletiva que se desdobra no palco das Operetas Populares.

EXPRESSÕES CORPORAIS (DANÇA E ENCENAÇÕES)

COMUNIDADE KALUNGA

Festas e folias: dentro da Comunidade Kalunga, o canto, a música, a reza e a dança se confundem, num cruzamento em que o sagrado e o profano contrastam e se complementam, de modo que as festas realizadas pela comunidade geralmente possuem um cunho religioso. Segundo Mari Baiocchi:

O espaço sagrado faz parte das diversas comemorações coletivas da religiosidade e representa o lugar destinado à prática dos rituais. Distribui-se por todos os núcleos de moradias e municípios. Para os rituais maiores, os espaços são fixos e, para os menores, os espaços são móveis. As festas são precedidas das folias e se intercalam durante o ano. O religioso e o lazer - o sagrado e o profano - representam práticas de toda a comunidade e concorrem para o fortalecimento das relações sociais (Baiocchi, 2013, p. 50).

As folias acontecem o ano todo e ocorrem antes da realização das festas e romarias, com o objetivo de angariar doações para as festas e anunciá-las.

Sussa: a Sussa (ou Suça, Sússia, Súcia) é a dança tradicional Kalunga que, nascida de tradições africanas, reflete toda a alegria desse povo. Com um ritmo marcado pelo som da viola, do pandeiro, da sanfona e da caixa (espécie de tambor), é uma tradição que envolve toda a comunidade através da música e da dança, caracterizada por giros em

que as mulheres equilibram garrafas de cachaça sobre a cabeça. (Comunidade do Sítio Histórico Kalunga, Encontroteca). De acordo com Mari Baiocchi:

A 'suça', dizem, é uma dança 'de pagar promessa', sagrada! Só é tocada ali, nos momentos certos. Na subida ou descida do mastro, ou quando 'chega a hora do pagamento' de alguma promessa que alguém tenha feito para o Santo. Às vezes, os homens participam, mas, em geral, a 'suça' é dançada pelas mulheres. Num ritmo alucinante de batuque elas rodopiam, os pés mal tocando o chão." (Baiocchi, 2013, p. 55-56).

As "susseiras" veem a dança como uma manifestação de respeito aos seus antepassados, que se preserva na memória e simboliza a identidade Kalunga, sendo aprendida pelo contato familiar, com mãe, avó, tia que, por sua vez, tiveram contato com as tradições e rituais antigos nos quais a dança se insere (Ferraz; Déa, 2022, p. 03). Em *Vamos Dançar a Sussa?* (2002), de Thais Ferraz e Vanessa Déa, as autoras explicam que: "Encontra-se a sussa inserida em meio às devoções e festividades católicas, onde celebra-se tradições, ritos, costumes, crenças, revelando-se ainda a dinâmica cultural das comunidades negras rurais." (Ferraz; Déa, 2022, p. 03).

Curraleira: a curraleira também é dança típica dos Kalunga, mas, ao contrário da sussa, é tradicionalmente cantada e dançada por homens (Baiocchi, 2013, p. 54).

Boilé: o Boilé é uma dança voltada para as crianças da Comunidade do Sítio Histórico Kalunga. Dançada em pares, embalados pelo pandeiro, sanfona e caixa, o grupo faz uma grande roda e uma dança de ritmo acelerado, com

muitos giros. (Comunidade do Sítio Histórico Kalunga, Encontroteca).

Império do Divino Espírito Santo: nos cerimoniais das festas Kalunga, o poder, através da “monarquia sagrada”, é simbolicamente reproduzido, como no caso do Império do Divino Espírito Santo. O ritual do “Império” varia de comunidade para comunidade, e modificou-se através do tempo, mas, em geral, consiste na síntese de Baiocchi transcrita a seguir:

“O imperador será escolhido entre o clã local, com exceção dos casos de pagamento de promessa. Mesmo nesses casos, deverá o postulante pertencer à linhagem do núcleo de povoamento, ainda que resida em outro núcleo geográfico. A escolha do imperador é feita através de sorteio entre os chefes das linhagens. Ela ocorre no último dia da Festa, na presença do imperador atual e dos participantes, ao som de sinos. O reinado será de um ano. No mesmo momento, escolhe-se a corte: pajem, empregado do facão, folião da rua, folião da mesa, procurador dos mordomos, mordomos, capitão do mastro, zelador da praça, enfeitadeiras e alferes da bandeira. A encarregada do sorteio acompanha o cortejo real em sua trajetória da casa do imperador para a capela.” (Baiocchi, 2013, p. 58).

CONGO DE NIQUELÂNDIA

Cortejo: no Congo de Niquelândia, primeiramente se faz o cortejo para, só depois, fazer-se uma dança. Nos dias de festa, os congos buscam os festeiros, reúnem-se e saem em cortejo até a igreja: “A congada vai à frente, seguida pelo reinado, cada um com seu carregador de guarda-chuva, análogo aos pálios dos tradicionais

reinados africanos. Cada festeiro leva a insígnia que lhe cabe. Na igreja, o padre realiza uma missa.” (Viana, 2010, p. 206-207, grifos do autor). A encenação, que corresponde à devoção dos fiéis à Santa Efigênia, é uma tradição antiga e já descrita por Johann Emanuel Pohl no século XIX:

No interior da igreja, nos degraus do altar, estavam dispostos dois pálios para os monarcas do dia e dois tamboretas para o príncipe e a princesa. Ao penetrarem na igreja, por entre grandes cerimônias, o padre aspergia-lhes água benta e começava a missa cantada. De tempos em tempos essas altas personalidades eram incensadas. (...) No final da missa foram lidos diante do altar os nomes daqueles sobre os quais recaía a sorte para exercerem as dignidades no ano vindouro. Os tronos e tamboretas foram postos imediatamente na igreja e, logo que os dignitários tomaram os seus lugares, penetraram os músicos negros pela porta do templo, prostaram-se diante dos reais assentos e logo começaram a dançar e a cantar uma música africana. Ao terminar a dança, levantou-se o monarca negro e ordenou em voz alta que se comesse, com cantos e danças, a festa de Santa Ifigênia. (...) São iniciados os cantos e danças; o imperador, com o cetro, concede a bênção ao vassalo ajoelhado; (...) Santa Ifigênia é invocada várias vezes e, ao ecoar dos cantos e das músicas, por entre danças e as mesmas solenidades da entrada, efetua-se a saída. (Pohl apud Rios; Viana, 2010, p. 04).

Dança: “Depois da missa a Congada dança na porta da igreja. Com suas saias vermelhas com tiras coloridas e penachos cheios de adereços, os

congos de Santa Efigênia cantam e dançam para ela e para os festeiros." (Viana, 2010, p. 207).

CAÇADA DA RAINHA DE COLINAS DO SUL

Na manifestação da Caçada da Rainha de Colinas do Sul são incluídos os Giros de Folia do Divino e Nossa Senhora do Rosário - em que, "durante um período de 08 a 15 dias, tradicionalmente dois grupos de foliões contendo aproximadamente 30 pessoas em cada grupo, com hierarquias de funções e regras próprias, percorrem a cavalo os povoados e fazendas do município, manifestando sua religiosidade, levando as sagradas bandeiras, símbolos das divindades, e arrecadando doações em dinheiro e donativos." (Basso, [2007], p. 21) -, e os Pousos de Folia - "O termo 'pouso' pode ser explicado pelo fato de os foliões dormirem nas imediações da residência do morador." (Basso, [2007], p. 22).

No Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, a Caçada da Rainha, apesar de já ter apresentado seu giro e folia, normalmente apresenta o seu Batuque, também conhecido como Batuque da Rainha: "A dança, de origem africana, também tem sua coreografia, sendo que algumas mulheres dançam com garrafas de bebidas na cabeça num equilíbrio sincronizado com a música." (Basso, 2006, p. 42).

CATIRA DE SÃO JOÃO D'ALIANÇA

Dança: a catira é uma dança secular que tem suas origens no cateretê praticado pelos indígenas e assimilado pelos colonos ainda nos tempos da colonização, marcado pelo bater de pés e palmas. Acompanhado pelos toques das violas, a catira representa a lida do trabalhador do campo, tendo um vestuário característico destes trabalhadores, os mesmos que realizam a dança. Michelle Franco Coelho descreve a dança específica praticada em São João D'Aliança:

Na Catira de São João D'Aliança, os violeiros - 'mestre' e 'contra-mestre' - cantam seus versos como 'moda' ou 'repente', de crítica à realidade vivida, relacionada à política, aos costumes ou aos acontecimentos locais, enquanto os catireiros sapateiam e batem palmas ao ritmo acelerado da marcação da viola. Vestidos com roupas e chapéu de vaqueiro, lenço colorido sob o colarinho e botas capazes de tirar do chão o som forte do sapateado, os catireiros, dispostos em duas filas, alternam-se dois a dois, em uma coreografia que sugere o trabalho pesado com a terra e o plantio. A dança e o canto da Catira traduzem uma memória corporal. O corpo e seus movimentos traçam uma identidade cultural (Coelho, 2004, p. 42).

In aliis, os movimentos da catira envolvem "pulos, giros, palmas, sapateados e sua expressividade corporal":

"É de suma importância pensar a dança em fusão com a música, sobretudo na produção dos sons das palmas e dos sapateados da dança da catira e do ritmo apresentado, interpretando-a, assim, não apenas com uma linguagem visual, mas uma linguagem de explanação e representação da vida." (Teixeira, 2012, p. 57).

OPERETA POPULAR DA TURMA QUE FAZ E DOROTY MARQUES

As Operetas Populares funcionam como a principal plataforma para a articulação e exibição das expressões corporais desenvolvidas pelo projeto. Elas são concebidas como espetáculos multidisciplinares, nos quais a dança e a encenação não são componentes isolados, mas elementos estruturais de uma narrativa artística integrada. Este formato propicia a experimentação e a co-criação de linguagens, resultando em produções anuais.

O repertório de expressões corporais abrange diversas modalidades:

1. **Danças Tradicionais Brasileiras:** O projeto engaja os participantes na apropriação e reinterpretação de danças vernáculas, incluindo manifestações como Congo, Sussa, Maracatu, Caboclinho, Catira, Forró Pé de Serra, Coco e Bumba Meu Boi. Esta prática visa à revitalização cultural e à transmissão intergeracional descessem como expressões artísticas tradicionais do local.
2. **Tecido Acrobático:** atividades que envolvem acrobacia aérea são incorporadas, desenvolvendo habilidades motoras, flexibilidade e expressão artística. Os ensaios e práticas são realizados em espaços designados, como a Cabana das Artes, contribuindo para a dimensão cênica e performática dos espetáculos.
3. **Encenação Teatral:** além da dança e da acrobacia, as operetas utilizam técnicas de encenação teatral e manipulação de mamulengos. A construção de cenas e atos teatrais é um processo colaborativo que fomenta a criatividade e a capacidade de representação dos participantes. Outras linguagens, como artes circenses e robótica, também são exploradas, indicando uma abordagem pedagógica inclusiva e experimental.

EXPRESSÕES ORAIS (MÚSICAS, ORAÇÕES E OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÕES ORAIS)

COMUNIDADE KALUNGA

A Comunidade Kalunga é extremamente festiva e, para além das festas religiosas, repletas de

cantoria, também possuem cantos e expressões de caráter profano, tais como:

Curraleira: o canto da curraleira é entoado durante a “gira” (visitação às comunidades e municípios vizinhos para arrecadação de recursos para as festas). Deste modo, de pouso em pouso, a comitiva segue cantando e dançando e, em sua volta, a comunidade de origem canta e dança a curraleira. Abaixo a transcrição de uma letra cantada na curraleira:

*Fala, fala, companheiro,
fala no mesmo rojão,
que é mentira de quem disse
não foi eu quem disse não,
que é mentira de quem disse
vai s'embora coração
Andorinha do coqueiro,
sabiá da beira-mar,
andorinha prendeu lê
sabiá prendeu jogá.” (Baicchi, 2013, p. 54).*

CONGO DE NIQUELÂNDIA

Cantos de Congo: durante o cortejo da congada são entoados os “cantos de congo”. Esses geralmente são em louvor a Santa Efigênia, à exemplo do canto *Santa Efigênia*: “Ô viva, ô viva / Torna a reviver / Viva Santa Efigênia / Que viemos festejar”. Esses, assim como as danças, são aprendidos nos ensaios, quando é feita a iniciação dos mais novos.

Ladainha: em tempos mais antigos não havia a missa após o cortejo. “A congada se reunia na igreja, rezava um terço falado ou em ladainha.” (Viana, 2010, p. 207, rodapé).

CAÇADA DA RAINHA DE COLINAS DO SUL

Canto de Chegada: ao chegar no local do pouso, os foliões fazem os ritos de chegada e depois descem dos cavalos para dar início ao “canto de

chegada". É cantado pelo guia e respondido pelo contra-guia. A letra possui variação conforme o guia e objetos colocados pelos festeiros para serem saudados.

*Olha que hora tão alegre
O mundo encheu de alegria
Quem desceu do céu à terra
O Divino e Santa Maria
E dizendo palavras santas
Como Deus ordenou
Está na sagrada escritura
É um dito que Deus deixou
Quando Deus formou seu mundo
Só existia escuridão
Fez o sol, lua e estrela
Pra fazer separação
Está na escritura sagrada
Pelo atos de sua vontade
Fez o mundo de um nada
Seu mundo não estava completo
Não existia geração
Deus tirou do pó da terra
E fez o corpo de Adão
Fez semelhante à imagem
Das pessoas verdadeiras
Depois o mesmo corpo fez
Era pra companhia
Deixando no paraíso
E ficaram recomendado
Pra que não comesse um dos frutos
Que era o fruto do pecado
Foi por obra da serpente
Que Eva e Adão pecou
Enxergaram sua nudez
Por isso se envergonhou
Se esconderam nas folhagens
Fugindo de nosso Senhor
Foi aí que Deus prometeu
De mandar um Salvador
Dia 25 de março [...] (Basso, [2007], p. 43)*

Bendito de Mesa: após o período da refeição, os foliões cantam o "bendito de mesa", em que agradecem o alimento recebido e rogam às Divindades pelos Festeiros. Esse canto é realizado realmente em volta da mesa que contém apenas uma vasilha com varinha e dois garfos. Durante o canto, os foliões giram em volta da mesa (Basso, [2007], p. 49).

Curraleira: um dos momentos divertidos do pouso de folia é o canto da "curraleira", que é uma sátira criada pelos próprios foliões a respeito de algo inusitado ocorrido durante os pousos ou na comunidade. Por exemplo, brigas, namoros proibidos, traições etc. Serve também para demonstrar insatisfação, protestar e denunciar os abusos de autoridades que porventura tenha ocorrido na cidade. Para brincar a curraleira, os instrumentos utilizados são: viola, caixa, pandeiros e o sapateado (Basso, [2007], p. 49).

Moda de Viola: a moda é cantada nos pousos de folia. "Sítio da Laranjeira" é uma moda escrita por Creuza Dourado Rocha, conta a história de vida de Narcizo da Silva Coelho, um dos principais guias de folia do município:

*Sítio da Laranjeira
Neste ano estou mudando
Não gosto de nem de lembrar
Estou saindo do meu sítio
Lá não posso mais morar
Porque estou muito doente
Não aguento mais trabalhar
Vou mudar pra Vila Borba
Levar meus netos pra estudar [...]
(Basso, [2007], p. 50).*

Recorte: o recorte é cantado ao término da moda de viola, geralmente os versos seguem o tema da moda, entretanto nos pousos de folia, os recortes mais cantados são aqueles que, em tom de brincadeira, os catireiros destacam a infidelidade masculina (Basso, [2007], p. 51).

Minuana: também apreciado pelas pessoas, a minuana possui um estilo musical semelhante à curraleira, porém os instrumentos são apenas viola, pandeiros e o sapateado. Os versos são improvisados e o ritmo é mais rápido (Basso, [2007], p. 52).

Carolina: é o último canto dos foliões no pouso de folia. O ritmo é semelhante ao forró e a dança também. Os instrumentos usados são: caixa, viola, pandeiros e o som das esporas que os foliões arrastam no chão com os pés (Basso, [2007], p. 53).

Canto de Despedida: o canto de despedida é cantado quando os foliões estão prontos para sair de um pouso para outro. Nesse canto, propagam a doutrina cristã, agradecem pelo pouso recebido e rogam às divindades pelos festeiros. Lembrando que as letras dos cantos não são fixas, cada guia de folia possui sua forma de expressar (Basso, [2007], p. 54).

Ladainha de Nossa Senhora: saber adquirido através de gerações, a ladainha de Nossa Senhora é cantada em latim vernacular especialmente por homens e mulheres que guardam a tradição da festa, sendo que um grupo canta e o outro responde. É cantada em novenas na igreja ou nas residências e também no Reinado do Imperador do Divino Espírito Santo, da Rainha e do Rei de Nossa Senhora do Rosário:

*Kerieleizone
Keristeleizone de nós
Pater de Celis Deus
Misererenobis
Filho Redentor é Mãe,
do Espírito Santo és Deus,
Santo Trisne casou nos Deus [...] (Basso, [2007], p. 57).*

CATIRA DE SÃO JOÃO D'ALIANÇA.

Moda de Viola: praticada por trabalhadores rurais, nomeadamente, a música da catira é a “moda de viola”, uma autêntica representação do homem do campo. A música traduz a vida calma do interior, por vezes, contrastando-a com a vida nas cidades. Segundo Sr. José Onofre Leite, catireiro octagenário, “não existe catira sem o cantor, sem aquele que conhece as modas de viola. A moda é o início da dança”, afirmando ainda, na tentativa de manter a identidade do gênero, que “há a necessidade de prevalecer o ritmo ao invés de ser alterado para o estilo *country*” (Leite apud Teixeira, 2012, p. 74, grifos do autor). Os temas das modas de viola estão relacionados a temas como amor, trabalho, festejos e a vida no campo. Em uma moda, transcrita por Maisa França Teixeira (p. 136), o catireiro narra a alegria de viver em São João d’Aliança:

*Ôôô, meu São João
Agradeço todos os dias de baião
Mas peço pelo amor no coração
Ilumine essa cidade alegre,
Essa cidade de São João,
Ahhhh... Essa cidade de São João
D’Aliança (Teixeira, op. cit., p. 136).*

Recortado/Recorte: a catira inclui também o “recortado” (ou “recorte”), que é o “conjunto musical da viola, do coro, dos palmeados e, também, dos sapateados” e/ou “versos alegres que acompanham a dança” (Teixeira, 2012, p. 42, rodapé). O recortado “se compõe de versos cantados e de ritmos acelerados em relação à moda de viola.” (Teixeira, op. cit., p. 50). Neste momento: “os dançadores executam coreografias em ritmos diferenciados da moda conforme habilidades individuais e coletivas com coreografias no intervalo de cada frase da estrofe.” (Teixeira, op. cit., p. 50). Em resumo, o recortado, ou recorte, é “um ritmo mais acelerado

cujos dançadores cumprem, com palmas e sapateados, uma coreografia que se intercala com a música tocada. Logo após o recortado, o grupo já se prepara para a saída.

OPERETA POPULAR DA TURMA QUE FAZ DOROTY MARQUES

No coração de cada opereta, pulsam a música e o canto, tecendo a alma da narrativa. As vozes das crianças e adolescentes preenchem o espaço, conduzindo o público por entre enredos que ora celebram a cultura popular, ora louvam a natureza do Cerrado. Percussões ritmadas – os tambores e cajóns que Doroty Marques tanto preza – ditam o pulso, enquanto violas e sanfonas traçam melodias que são ao mesmo tempo enraizadas e inventivas.

Estes cantos não são apenas ornamentos; são veículos de emoção e informação, ora adiantando um acontecimento, ora reforçando um sentimento, ora evocando a memória coletiva de canções tradicionais.

As operetas são, em sua essência, atos de narração oral coletiva. O processo criativo começa, invariavelmente, nas rodas de conversa, sob a sombra das árvores, onde ideias são partilhadas, contos são recontados e os temas geradores daquele ano se desdobram em cenas. Ali, o diálogo informal se transmuta em roteiro, as anedotas da comunidade em falas de personagens, e os saberes populares em enredos encantados.

OBJETOS IMPORTANTES (INSTRUMENTOS MUSICAIS, OBJETOS RITUAIS, ELEMENTOS CÊNICOS, DECORAÇÃO DO ESPAÇO E OUTROS)

COMUNIDADE KALUNGA

INSTRUMENTOS MUSICAIS

Os instrumentos musicais utilizados pelos Kalungas são basicamente os mesmos para a Sussa a para a Curraleira:

Caixa de Folia:

“A caixa de folia é utilizada em várias festividades da região. Trata-se de um instrumento da família dos membranofones fabricado artesanalmente. Sua principal característica estrutural é constituir-se de cordas para realizar a afinação. Seu som tem em geral um timbre grave e seco.” (Rodrigues, 2011, p. 56).

Onça: consiste em um tronco de árvore oco com um couro preso por cordas em um dos lados que possui uma vareta no centro do lado interno. É tocado por dois tocadores, um se põe sentado com o tambor entre as pernas percutindo o couro com as mãos, enquanto o outro tange a vareta presa na parte interna do couro. “O ‘tambor onça’ tem esse nome devido ao seu som grave que lembra o rugido de uma onça. Segundo os kalungas, ele representa uma época em que era usado para capturar as onças que circulavam pelas redondezas do quilombo e ameaçavam a paz dos moradores da região.” (Rodrigues, 2011, p. 64; Ferraz; Déa, 2022, p. 12).

Cuíca: a “cuíca”, tocada pelos Kalungas, é “semelhante ao tambor onça, só que a circunferência, por ser menor, tem um som mais agudo.” (Rodrigues, 2011, p. 68).

Tambor: existem diversos tambores entre os Kalungas, um deles, sem nome específico, “apresenta o bojo abaulado e é fechado na parte oposta da pele. É tocado percutindo com a mão no couro.” (Rodrigues, 2011, p. 68).

Bruaca: a bruaca é um tipo de maleta rústica feita de couro, que pode servir como utensílio para guardar coisas e como instrumento musical,

utilizado pelas mulheres Kalunga para iniciar a sussa.

Pandeiro: instrumento de origem árabe, assimilado no Brasil por influência portuguesa, o pandeiro pode ter sido introduzido nas festividades Kalunga por influência e convivência com as comunidades externas, tanto antes quanto depois da formação do quilombo, sendo hoje muito comum em seus conjuntos musicais e danças (Rodrigues, 2011, p. 56).

Viola: “Instrumento de cordas dedilhadas, semelhante na forma e na sonoridade ao violão, constituído por uma caixa de ressonância de madeira em forma de oito e um braço dividido em trastos em cuja extremidade as cordas são fixadas e afinadas por cravelhas. As cordas são dispostas aos pares, sendo que o seu número varia entre dez (mais comum), doze e até quatorze cordas.” (Andrade, 1989, p. 557). “Os ritmos são caracterizados pelos rasqueados e os ponteios, os quais determinam a idiomática melódica. [Nas celebrações dos Kalunga] Pode haver mais de uma viola tocando ao mesmo tempo” (Rodrigues, 2011, p. 56).

Violão, Zabumba e Sanfona: o “violão”, a “zabumba” e a “sanfona” (que pode ser de oito baixos) são instrumentos introduzidos mais recentemente nas festividades dos Kalunga. “O repertório e os instrumentos da sussa desde os primórdios vem com o tempo se modificando, de acordo com a influência de outros grupos kalungas, por necessidade de renovação e até por contato com outros grupos e culturas que trouxeram algumas influências.” (Ferraz; Déa, 2022, p. 12).

OBJETOS RITUAIS

Bandeira do Divino: “Essa bandeira é de tecido, de cor vermelha, e no corpo da bandeira centro [sic] está pintada a Santíssima Trindade coroando a

Virgem Maria. Ela é enfeitada com fitas coloridas ao longo da lateral do lado do mastro. Segundo suas crenças elas devem ser costuradas, porém elas não podem ser amarradas, porque isso atrapalharia sua devoção. No corpo da bandeira são retratados temas variados, sendo os mais correntes a imagem dos homenageados da Folia.” (Rodrigues, 2011, p. 49).

Mastro do Divino: o hasteamento do Mastro do Divino é um ponto alto do Império do Divino Espírito Santo. A madeira (pindaiba) é previamente buscada na mata, medindo entre dez e dezoito metros de altura, sendo necessário de cinco a oito homens para transportá-la. Uma bandeira é fixada na extremidade que ficará no alto. Durante o hasteamento uma fogueira permanece acesa, soltam-se foguetes ao ar e bebidas são servidas a todos pelo imperador (Baiocchi, 2013, p. 58-59).

Candeia: as candeias são hastes feitas de cera de abelha-jataí, que funcionam como velas durante a procissão da corte até a Mesa do Divino, são levadas nas mãos durante todo o cortejo, enquanto se reza e se cantam ladainhas, até que sejam completadas três voltas ao redor do mastro, momento em que irrompe a sussa. (Baiocchi, 2013, p. 59). Acredita-se que enquanto queimam as candeias, os pecados de quem as seguram na procissão vão sendo perdoados. Associa-se também a queima das candeias à longevidade da vida.

Quadro: “O quadro é composto por quatro homens escolhidos [...], cada um portando uma vara de cerca de dois metros de comprimento. Essas varas são dispostas de forma que se encontrem umas com as outras e fiquem paralelas ao chão, formando assim o ‘quadro’, que nada mais é que um quadrado. O quadro é composto com o alferes levando a bandeira e o ‘guardião da espada’, a espada (simbolizada por um facão); sai do barracão do rei para buscar a rainha no

barracão onde ela se preparou. Com o rei e a rainha já dentro do quadro, o próximo destino é a igreja. "(Siqueira, 2006, p. 59). O Império é acompanhado por um trio musical, com sanfona, zabumba e pandeiro.

Bandeira: a bandeira é levada pelo alferes da bandeira, segue o cortejo anunciando a passagem do Império. Em frente à igreja, encena com a espada uma reverência mútua.

Espada: a espada (alguns se referem como adaga), geralmente representada por um facão, é levada pelo guardião da espada diante do quadro. Com ela é feita a encenação frente à bandeira levada pelo alferes, na qual um reverencia ao outro, alternando suas posições.

ELEMENTOS CÊNICOS

Mesa do Divino: a Mesa do Divino, onde culmina a procissão do Império, é coberta por uma toalha (geralmente branca, mas podendo ser colorida) e ornamentada. Nela são fartamente dispostos os alimentos e o banquete é oferecido a todos os presentes.

DECORAÇÃO DO ESPAÇO

Império do Divino Espírito Santo: para o cortejo do Império do Divino Espírito Santo, as ruas da Vila de São Jorge são decoradas com tecido de chita coloridos, fitas de cetim e papel crepom de várias cores, especialmente a Praça do Encontro, onde fica disposta a Mesa do Divino, igualmente ornamentada e com os alimentos a serem distribuídos pelo imperador aos presentes.

CONGO DE NIQUÊLÂNDIA

INSTRUMENTOS MÚSICAIS

Os grupos e ternos de congo são formados por vários instrumentos. No Congo de Niquelândia,

durante os cortejos, identifica-se a seguinte configuração:

Na frente do grupo se encontram o caixeiro e o tocador do bumbo, responsáveis pela marcação do ritmo. Na frente da fila da direita se encontra o guia, com o tamborim, instrumento de comando e responsável por puxar os cantos. O primeiro cuiqueiro fica à frente da fila da esquerda. O contra-guia dança no meio das duas filas e, conforme a coreografia, incorpora-se a uma delas. As duas filas são compostas por congos com reco-recos e pandeiros." (Viana, 2010, p. 206, rodapé).

Violões, embora introduzidos mais recentemente, também são utilizados, especialmente na composição do cortejo.

OBJETOS RITUAIS

Mastro da santa: no primeiro dia de festejo é levantado o mastro, em homenagem a Santa Efigênia e Nossa Senhora do Carmo. Após a colocação da bandeira, o levantamento é feito ao som de caixa e bumbo, momento em que: "É estabelecida a conexão entre o plano terreno e a esfera espiritual. Tem início o tempo da festa." (Viana, 2010, p. 206).

Bandeira: a bandeira, também em honra a Santa Efigênia e Nossa Senhora do Carmo, é guardada na casa do capitão-do-mastro durante todo o ano, buscada pelo congo quando chega o tempo da festa e levada em cortejo até a igreja, quando é colocada no mastro que, então, é hasteado (Viana, 2010, p. 206).

CAÇADA DA RAINHA DE COLINAS DO SUL

INSTRUMENTOS MÚSICAIS (Giro/ Folia/ Batuque)

Caixa: instrumento confeccionado pelos foliões. Nas extremidades, para unir o tampo com o tambor, utiliza-se um arco de madeira de jequitibá, por ser mais maleável, e também um cipó, que dará sustentação ao tampo com o tambor. Há um cordão que faz uma volta em zigue-zague, em torno do tambor e passa pela diagonal do fundo da caixa, que serve para afinar ("temperar") a resposta das batidas no couro (Basso, [2007], p. 24).

Viola: está presente nos cantos religiosos da folia, nas brincadeiras de catira e também no Batuque da festa da Caçada da Rainha. A viola se diferencia do violão por possuir 10 cordas (um conjunto de 5 cordas duplas), ao invés de seis. Na cantoria da folia quem toca a viola e canta são os guias e contra-guias. Este instrumento é o único que os foliões não fabricam, geralmente se compra ou se ganha em concursos de modas de viola que acontecem nos povoados do município (Basso, [2007], p. 24).

Pandeiro: possui formato arredondado (havendo também em forma de quadrado), sendo que o arco do pandeiro é feito da madeira do jequitibá (que é maleável) coberto com couro, e o "xerém" (soalhas) é feito de tampinhas de garrafas nas laterais, que ajudam a produzir o som característico pela batida da mão no pandeiro. É usado nos cantos sagrados e também nas brincadeiras de catiras, como: canto da chegada, benditos, minuana, modas de viola e batuque. São utilizados pelo menos 8 pandeiros na folia, é um instrumento que todos sabem tocar (Basso, [2007], p. 24).

Onça: confeccionada por pessoas da comunidade, a "onça" é o principal instrumento, produz o som característico do batuque. Utiliza-se um pedaço de tronco de árvore oco (mirindiba, tambor e marinho, por exemplo), tampado com couro de um lado das extremidades e com uma

vareta no centro. É tocada por dois homens: um na frente, montado no tronco que bate na cara da onça, e o outro abaixado atrás, puxando a vareta amarrado num barbante preso no tampo da frente, que é chamado de rabo e produz o ronco, som do instrumento (Basso, [2007], p. 25).

OBJETOS RITUAIS

Bandeiras do Divino Espírito Santo e Nossa

Senhora do Rosário: confeccionadas por pessoas da comunidade, as bandeiras do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora do Rosário estão presentes em todos os rituais sagrados que compõem a folia e a festa da Caçada da Rainha. A bandeira do Divino Espírito Santo é vermelha, com o desenho de uma pomba, símbolo dessa divindade. Já a de Nossa Senhora do Rosário é branca, com a imagem desta desenhada. Além disso, observa-se que em cada bandeira há várias fitas de tecidos em que são amarradas notas de dinheiro pelos devotos que geralmente se ajoelham e beijam-na. As bandeiras, quando vão ser entregues para outra pessoa pré-determinada, faz-se referência, tanto quem entrega como quem recebe. É guardada em local especial, geralmente dentro do quarto do festeiro. Durante todos os dias do giro de folia, pela manhã, ao som da caixa, os foliões se ajoelham e beijam-na e por ela demonstram profundo respeito e veneração (Basso, [2007], p. 27).

Cruzeiro: um dos símbolos sagrados do cristianismo. O cruzeiro está presente nos pousos de folia, como primeiro elemento à frente na chegada da folia (Basso, [2007], p. 27).

Arco: símbolo da aliança entre Deus e os homens; em cada pouso de folia e também em frente à Igreja no dia do arremate, há um arco. Os moradores, em particular, e as pessoas presentes se posicionam atrás do mesmo. Ao se aproximarem da residência do festeiro, todos os

foliões passam por baixo desse arco, renovando a aliança com as divindades (Basso, [2007], p. 28).

Altar: nos pousos de folia, é cuidadosamente preparado na sala do morador, enfeitado com flores naturais, imagens e velas. os foliões terminam a cantoria de frente para o altar e cantam. Uma imagem saúda a outra e seus poderes são um só. Após a cantoria todos os foliões se ajoelham e se benzem fazendo em si o sinal da cruz, num dos principais momentos de devoção (Basso, [2007], p. 28).

Fogueira: está presente nos pousos e também no dia do arremate da folia. Simboliza a chama do Divino Espírito Santo (Basso, [2007], p. 29).

ELEMENTOS CÊNICOS

Máscara: são usadas na folia pelos caretas, personagens da festa que tem a função de divertir as pessoas e auxiliar na organização da mesma. De acordo com as pessoas que guardam a tradição da Caçada da Rainha, o careta sempre existiu na festa e as máscaras eram feitas de forma artesanal pelas pessoas da comunidade. Entretanto, apesar de alguns membros da folia ainda confeccionarem as máscaras de forma tradicional, a cultura em suas estruturas dinâmicas favoreceu a substituição das máscaras tradicionais por outras comercializadas, de material sintético (Basso, [2007], p. 37-38).

CATIRA DE SÃO JOÃO D'ALIANÇA.

INSTRUMENTOS MUSICAIS

Viola: é comum na catira terem dois cantadores, que normalmente acompanham-se por duas violas. Os cantadores/violeiros são os únicos que cantam e também são eles que dirigem a dança. A viola chega ao Brasil por influência dos colonizadores portugueses, "largamente difundida em Portugal entre os séculos XV e XVIII, foi levada para todas as regiões coloniais, em especial,

Madeira, Açores, Cabo Verde e Brasil." (Monteiro, 2019, p. 208). A viola tornou-se "um elemento de identificação do próprio povo brasileiro", "que passa a ser o objeto da cultura do caipira, que, por muitos anos, foi marcadamente o(a) habitante de áreas interioranas do Brasil." (Teixeira, 2012, p. 92).

Violão: nas apresentações de catira também pode ocorrer de os cantadores estarem acompanhados um com uma viola e outro com um violão. Instrumento ainda mais comum, "violão seria a viola grande de seis cordas simples", inicialmente chamado de guitarra espanhola, e ainda de viola francesa, ao contrário da viola "caracterizava-se como um instrumento essencialmente urbano" (Monteiro, 2019, p. 220). Embora largamente difundido por todas as regiões na atualidade, substituiu gradualmente a viola especialmente na prática dos gêneros musicais urbanos, deixando a viola indefinidamente atrelada ao meio rural.

OBJETOS RITUAIS

ELEMENTOS CÊNICOS

Vestuário: na catira, os elementos cênicos são basicamente o vestuário trajado pelos cantadores e dançarinos, remetendo aos trajes do homem rural, como já falamos: "Quanto ao vestuário, esse elemento ganha notoriedade nas apresentações, hoje os grupos (modernos) dançam com as botas/botinas, as calças jeans e as camisas alternam-se, contudo, predominam o xadrez e as listras, lenços coloridos e cintos com fivelões." (Teixeira, 2012, p. 95).

OPERETA POPULAR DA TURMA QUE FAZ E DOROTY MARQUES

INSTRUMENTOS MUSICAIS

A espinha dorsal sonora de cada opereta é construída sobre uma rica paleta de instrumentos

musicais. A viola e a sanfona, empunhadas pela própria Doroty Marques, conferem o tom lírico e folclórico, evocando as raízes mineiras e as influências latinas que permeiam a obra da mestra. O ritmo, coração da metodologia, pulsa nos tambores e cajóns, que, junto a outros instrumentos de percussão, criam a trilha sonora que embala as narrativas, conferindo-lhes vivacidade e conexão com os ritmos tradicionais brasileiros.

ELEMENTOS CÊNICOS

A dimensão visual das Operetas é igualmente rica e elaborada. Os figurinos, criados em um processo colaborativo, vestem os participantes, transformando-os em personagens do universo onírico e mitológico do Cerrado. Bichos e outros artefatos e esculturas confeccionados pelas próprias crianças e jovens servem como elementos de cenário e adereços, dando corpo a seres folclóricos e à flora e fauna locais. Os mamulengos, bonecos articulados da tradição popular, introduzem uma camada de ludicidade e interatividade, permitindo a encenação de

histórias com um toque ancestral. O tecido acrobático, suspenso no ar, não é apenas um equipamento esportivo, mas um elemento cênico dinâmico que adiciona plasticidade e movimento vertical às performances, desafiando a gravidade e a imaginação.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS RELACIONADAS

O Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros é realizado pela Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, que há cerca de trinta anos valoriza e dá visibilidade às expressões humanas, primeiramente da região da Chapada dos Veadeiros e do nordeste goiano e, depois, do Brasil e do mundo.

O Encontro de Culturas é uma celebração que reúne manifestações tradicionais, artísticas e culturais de todo o país e de outras partes do mundo. Em seu histórico, já fizeram parte as mais diversas expressões da cultura tradicional brasileira, dentre elas, podemos listar as seguintes:

Estado	Manifestações e Grupos que já participaram do Encontro de Culturas
Goias	Congo de Catalão; Congo de Monte Alegre; Bumba Meu Boi d'Água de Alexânia; Grupo EMA de Teresina; Folia de Reis de Formosa; Terno de Moçambique Mamãe do Rosário; Folia do Divino de Crixás; Violeiros de Alto Paraíso; Folia de Reis de São Jorge; Braguinha Barroso; Folia de São Sebastião; Folia de Nova Roma; Maracatu Leão do Cerrado; Seu Dedé; Umbando; Galvan e Galvãozinho; Irmãs Freitas; Ely Camargo; Vilão de Catalão; Zé Mulato e Cassiano; Viajarte; Juraídes da Cruz; Xaxados e Perdidos; Camerata Caipira; Conrado Pera; Trio Buritis; Araraúna; Forró das Muié; Forró do Gameleira; Marinho; e Poliana Moraes.
Distrito Federal	Terezinha Emboladora de Coco; José Roque do Pandeiro; Zé do Pife e as Juvelinas; Boi do Seu Teodoro; Gracinha da Sanfona; Martinha do Coco; e Sambadeiras de Roda; Grupo Flor de Babaçu; Banda Casa de Farinha; Roberto Corrêa; Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro; Pé de Cerrado; Orquestra Popular Marafreboi; Flautins Matuá; Junior Ferreira Trio; Shaira Ribeiro; DJ

	Odara Kadiegí; DJ Pequi; DJ Dante Rio; Nãnan Matos; Saci Wèrè; e GOG.
Mato Grosso	Congo de Livramento; Catireiros do Araguaia; Siriri; e Cururu.
Minas Gerais	Terno de Moçambique do Capitão Júlio Antônio; Folia de Reis de Perdões; Boi de Reis; Canto das Fiandeiras; Rei dos Cacetes; Dança de São Gonçalves; Dança de Zanzão; Dança do Tamanduá; Dança da Cana-Verde; Dança do Quatro; Dança Guaiana; Dança Palminha; Folia de Reis de João Pinheiro; Folia de Reis de Ribeirão de Areia; Congada Marujo Azul de Maio; Congo Azul Marinho de Maio de Uberlândia; Dança do Manzuá do Retiro dos Bois/Grande Sertão Veredas; Dança Maxakali; Guarda Catupé Caboclo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Carmo do Cajuru; Terno de Congo de Fagundes; As Pastorinhas; Congo de Fagundes; e Congo da Comunidade Quilombola de Arturos; Doroty Marques; Dércio Marques; Badia Medeiros; Pereira da Viola; Djalma Corrêa; Sérgio Pererê; Fernando Guimarães; Nádia Campos; Victor Batista; Tamboelê; Berimbrown; e Mateus Aleluia.
São Paulo	Grupo Kabula de Cultura Bantu do Redandá; Cururu Paulista; Fandangueros de Cananéia; Caixeiras da Guia; Paulo Freire; Kátia Teixeira; Pedro Bento e Zé da Estrada; KL Jay; João Arruda; Levi Ramiro; Noel Andrade; Ponto BR; Mariana Aydar; Gabriel Levy; Xaxado Novo; Sinhá Rosária; Ana Maria Carvalho; e Maria Gadú.
Rio de Janeiro	Jongo do Quilombo São José; Realidade Negra; BNegão; Banda Flor de Manacá; Trio Rabecaria; e Foli Griô Orquestra.
Espírito Santo	Congo de Cariacica.
Tocantins	Sussa de Natividade; Catireiros de Natividade; Tambores do Tocantins; Folia do Divino Espírito Santo; Grupo Jiquitaia; Caçada da Rainha de Palmas; Genésio Tocantins; e Volmi Batista.
Piauí	Samba de Cumbuca Lundu de Lezeira; e Trio Roraima.
Alagoas	Nelson da Rabeca; e Cantoras dos Rojões.
Bahia	Ganhadeiras de Itapuã; Ilê Ayê; Encomendadeiras de Almas de Correntina; Folia de Reis de Correntina; Chula do Suspiro de Iguape; Samba Chula de São Brás de Santo Amaro da Purificação; Mestre Bule Bule; Elomar; João Bá; Livia Mattos; Luedji Luna; e Orquestra Cultural do Barro Branco.
Pernambuco	Maracatu Leão Coroado; Maracatu Estrela Brilhante; Maracatu Piaba de Ouro; Maracatu Leão da Campina; Cavalo Marinho Boi Brasileiro; Lia de Itamaracá; Afoxé OmônilêOgunjá; Coco Mixidinho da Xambá; Xambá das Yabás; Cordel do Fogo Encantado; Naná Vasconcelos; Siba e a Fuloresta;

	Bongar; Matinada; Lenine; Adiel Luna; Besouro Coco Mangangá; Frank Sóstenes; Grupo Ori; e Maciel Salú.
Paraíba	Zabé da Loca; Mestre Zé Divina; Ceguinhas de Campina Grande; e Caiana dos Crioulos.
Ceará	Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto; Marlui Miranda; Tiziu do Araripe; e RAPaduraXique-Chico.
Maranhão	Boi de Ribamar; Caixeiras do Divino; Tambor de Crioula de Santa Rita dos Pretos; Boi de Zabumba de Santa Rosa dos Pretos; Tião Carvalho; e Zeca Baleiro.
Pará	Suraras do Tapajós; Silvan Galvão; e Mestre Solano.
Paraná	Raíssa Fayet.
Santa Catarina	Iamandu Karai; e Tainara Takua.
Rio Grande do Sul	Iara Deodoro.
Paraíba	Flávia Wenceslau; Chico César; e Cátia de França.
Rio Grande do Norte	Orquestra Sanfônica de Mossoró; e Alessandra Leão.
Amapá	Emília Monteiro.

Há também expressões de caráter circense e teatral, tais como:

Cia. de Teatro Carroça de Mamulengos; Cia. Mamulengo Presepada; Cia. Teatral Nuescuro; Chico Simões; Grupo de Teatro Mamulengo Sem Fronteiras; Circo Lahetô; Cia. Itinerante Tem Sim Sinhô; Cia. Bàyànni; Cia. Bambulengo; Barracão Centelha; e Baque Trinca

Entre as participações internacionais, estiveram presentes no Encontro de Culturas nomes como:

Nanda Kumaran e Ananda Jyoti (Índia); AklidiPolyxeni (Grécia); La Pifada (França); Collectifdu Pife (França); Fanta Konatê e Petit Mamady Keita (República da Guiné); Mamour Ba

(Senegal); ÌdòwúAkínrúlí (Nigéria); África YorùbáBatá – Lede (Nigéria); Ensemble ArtistiqueNationaleduBénin (Benin); HerenciaGaitera de San Jacinto e La Fanfarria (Colômbia); Merken (Chile); Mariana Carizzo (Argentina); Maryta de Humahuaca (Argentina); Venado Azul (México); e Ballet Tradicional do México (México).

5.4 FICHA DAS FONTES PESQUISADAS

Manual do Inventário Participativo IPHAN (2016)

Fonte	Onde está (a biblioteca, a casa da pessoa, sites, o museu, a escola, a prefeitura, o arquivo público etc.):
Fontes orais	Entrevistas transcritas
VEIGA, Raphael. Relato oral concedido à equipe do Inventário PNAB do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. Alto Paraíso de Goiás – GO, 2025	Acervo Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge
Relato oral de Raphael Veiga – ex-secretário municipal de Cultura de Alto Paraíso – GO	
ARAÚJO, Agnaldo. Relato oral concedido à equipe do Inventário PNAB do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. Alto Paraíso de Goiás – GO, 2025.	Acervo Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge
Relato oral de Agnaldo Araújo – secretário municipal de Turismo de Alto Paraíso – GO	
NASCIMENTO, Aristelina Avelino do. Relato oral concedido à equipe do Inventário PNAB do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. Alto Paraíso de Goiás – GO, 2025.	Acervo Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge
Relato oral de Aristelina Avelino do Nascimento – Presidenta Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge	
PINHEIRO, Sinvaline. Relato oral concedido à equipe do Inventário PNAB do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. Alto Paraíso de Goiás – GO, 2025.	Acervo Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge
Relato oral de Sinvaline Pinheiro – escritora/cobertura agência de notícias	
BASSO, Juliano. Relato oral/entrevista concedido ao pesquisador José Fernando Monteiro, Vila de São Jorge, Alto Paraíso de Goiás – GO, 2024.	Acervo da pesquisa MONTEIRO, José Fernando. “A patrimonialização do Encontro de Culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros”(em construção), 2025.
MARQUES, Doroty. Relato oral/entrevista concedido ao pesquisador José Fernando Monteiro, Vila de São Jorge, Alto Paraíso de Goiás – GO, 2024.	Acervo da pesquisa MONTEIRO, José Fernando. “A patrimonialização do Encontro de Culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros” (em construção), 2025.
Trabalhos acadêmicos	
RORIZ, Renata Fleury Curado. Comunidades tradicionais e o turismo de experiências criativas – alcances e desafios: Vila de São Jorge, Chapada dos Veadeiros (GO). 2019. 201 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.	Repositório Institucional – Universidade Federal de Uberlândia
SILVA, Bruno Goulart Machado. Trânsitos da cultura popular: política pública, produção, difusão e salvaguarda nos encontros de culturas tradicionais. 2018. 367 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.	Repositório Institucional da UnB. Disponível em: https://www.cotas.org.br/files/downloads/12/Tr%C3%A2nsitos%20da%20cultura%20popular%20pol%C3%ADtica%20p%C3%ABlica,%20produ%C3%A7%C3%A3o,%20difus%C3%A3o%20e%20salvaguarda%20nos%20encontros%20de%20culturas%20tradicionais.pdf . Acesso em: 01/11/2025.
COELHO, Michelle Franco. São João D’Aliança: a aliança entre o natural e o cultural. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ecoturismo) – Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2002.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
CURADO, Renata Valério Póvoa. Memórias tradicionais como performances culturais: experiências na Aldeia Indígena Multiétnica em Goiás. 2017. Dissertação	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge

(Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.	
OLIVEIRA, Lorena Lara Garcia de. 18 dias em São Jorge: possibilidade e aplicações do jornalismo literário enquanto técnica e conceito. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
RODRIGUES, Clenio Guimarães. Sussa e curraleiras kalungas: na folia do Divino Pai Eterno da cidade de Cavalcante – Goiás e na festa de Santo Antônio da Comunidade de Engenho II. 2011. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
SIQUEIRA, Thaís Teixeira de. Do tempo da sussa ao tempo do forró: música, festa e memória entre os Kalunga de Teresina de Goiás. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
TEIXEIRA, Maisa França. Espaços e territorialidades do “festejar” da catira no estado de Goiás. 2012. 169f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
Livros	
ANDRADE, Mário de. Dicionário musical brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia/Brasília: Ministério da Cultura/São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1989.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
BAIOCCHI, Mari de Nazaré. Kalunga: povo da terra. 3. ed. Goiânia: Editora UFG, 2013.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
BASSO, Juliano George (coord.). Caçada da Rainha: a festa da fé. Colinas do Sul: [s. n.], [2007].	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
BASSO, Juliano George (ideal.); FONTENELES, Bené (coord. ed.). Arte do Encontro das Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. Alto Paraíso de Goiás: Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge/ Secult – GO, 2013.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
DIB, André (fotos); DINIZ, Ivan Anjo (textos). Guia essencial Chapada dos Veadeiros. São Paulo: Editora Origem, 2023.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
FERRAZ, Thaís Gomes; DÉA, Vanessa Helena Santana Dalla (orgs.). Vamos dançar sussa? E-book. Goiânia: CIAR UFG, 2022.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
IFG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Encontros no Encontro: participação social da rede nacional dos pontos de cultura. Goiânia: Editora IFG, 2016.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
LIMA, Luiz. Entre cimos nublados uma solidão selvagem: uma coreografia contemporânea da Chapada dos Veadeiros. 2. ed., rev. e ampl. Distrito Federal: SUNcultura Editorial (imp.), [2001] 2009.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
MEC – Ministério da Educação e Cultura. Uma história do povo kalunga. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Fundamental (SEF), 2001.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
MONICCI, Jorge. Garimpo: uma verdade sobre a Chapada dos Veadeiros. 3. ed. Rio de Janeiro: SF Editorial, 2022.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
MONTEIRO, José Fernando. A modinha brasileira: trajetória e veleidades (séculos XVIII–XX). Curitiba: Editora Appris, 2019.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
SUEZA, Patrícia dos Santos. Interculturalidade e território: o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. São Paulo: Edição do Autor, 2019.	Site Centro de Estudos Universais AUM. Disponível em: https://9e6dbe1e-37ef-4024-ae44-753c91b792b8.usrfiles.com/ugd/e92de8_f8ae619845774049beba13ede17cf9.pdf . Acesso em: 01/09/2025.
Livreto “XXV anos do Encontro de Culturas Tradicionais	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge

da Chapada dos Veadeiros"	
Documentos institucionais	
BASSO, Juliano George (resp.). Inventário Nacional de Referências Culturais – Festa da Caçada da Rainha. Colinas do Sul – GO: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)/Associação Comunitária da Vila de São Jorge (ASJOR), nov. 2006.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
PPCCCCJ – Projeto Político Pedagógico da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge. Alto Paraíso de Goiás, 2023.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
Artigos e anais	
RIOS, Sebastião; VIANA, Talita. A performance do olhar: a Congada de Santa Efigênia através do olhar de Johann Emanuel Pohl. In: ENCONTRO NACIONAL DE ANTROPOLOGIA E PERFORMANCE, 1., 2010, São Paulo. <i>Anais</i> [...]. São Paulo: USP, 2010. 6 p.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
VIANA, Talita. Ô Viva, Ô Viva... e torna a revivá: a congada de Santa Efigênia de Niquelândia/GO e processos de transformação. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1., 2010. <i>Anais</i> [...]. Universidade Federal de Goiás, 2010.	Biblioteca Casa de Cultura Cavaleiros de Jorge
Artigo: Juliano e a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge: uma história de encontros. <i>Iberculturaviva</i> , 15 fev. 2016.	Disponível em: https://iberculturaviva.org/portfolio/%ef%bb%bfjuliano-basso-e-a-casa-de-cultura-cavaleiro-de-jorge-uma-historia-de-encontros/ . Acesso em: 15/08/2023.
Sites institucionais	
ENCONTRO DE CULTURAS TRADICIONAIS DA CHAPADA DOS VEADEIROS. Site oficial.	Disponível em: https://www.encontrodeculturas.com.br/ . Acesso em: 08/05/2025.
ENCONTROTECA. Acervo digital do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros.	Disponível em: https://www.encontroteca.com.br/encontroteca . Acesso em: 09/05/2025.
ALTO PARAÍSO DE GOIÁS. Prefeitura Municipal.	Disponível em: https://www.altoparaíso.go.gov.br/ . Acesso em: 10/05/2025.
GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS. Inventário da oferta turística de Alto Paraíso.	Disponível em: https://goias.gov.br/turismo/wp-content/uploads/sites/4/2025/02/Inventario-de-Alto-Paraíso-2025.pdf . Acesso em: 11/05/2025.
CAÇADA DA RAINHA DE COLINAS DO SUL. Encontroteca, [s.d.].	Disponível em: https://www.encontroteca.com.br/grupo/cacada-da-rainha-de-colinas-do-sul . Acesso em: 09/06/2025.
CATIRA DE SÃO JOÃO D'ALIANÇA. Encontroteca, [s.d.].	Disponível em: https://www.encontroteca.com.br/grupo/catira-de-sao-joao-dalianca . Acesso em: 18/03/2025.
COMUNIDADE DO SÍTIO HISTÓRICO KALUNGA. Encontroteca, [s.d.].	Disponível em: https://www.encontroteca.com.br/grupo/comunidade-do-sítio-historico-kalunga . Acesso em: 15/01/2025.
CONGO DE NIQUELÂNDIA. Encontroteca, [s.d.].	Disponível em: https://www.encontroteca.com.br/grupo/congo-de-niquelandia . Acesso em: 11/02/2025.
Imagens	
Imagem aérea da Vila de São Jorge. EnvatoElements.	Disponível em: https://elements.envato.com/pt-br/vila-de-sao-jorge-alto-paraíso-goias-parque-nacion-WRRVBCB . Acesso em: 20/11/2025.
Materiais audiovisuais	
Festa da Fé. Direção não identificada. 2016. Filme (vídeo).	Acervo Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge
Moacir Farias: Arte Bruta. 2006. Filme (vídeo).	Acervo Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge

Tempo de Kuarup. 2014. Filme (vídeo).	Acervo Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge
Pep Cahoc. 2016. Filme (vídeo).	Acervo Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge
Cada Terra tem um Uso, Cada Roda tem um Fuso. 2010. Filme (vídeo).	Acervo Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge
Chapada dos Veadeiros. 2007. CD.	Acervo Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge
Criunaná: Sons do Cerrado. 2009. CD.	Acervo Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge
Sons da Aldeia. 2009. CD.	Acervo Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge

FICHA DO RELATÓRIO DE IMAGEM

Manual Inventário IPHAN (2016)

Ficha do Relatório de Imagens



Vila de São Jorge, Alto paraíso, Chapada dos Veadeiros, Goiás

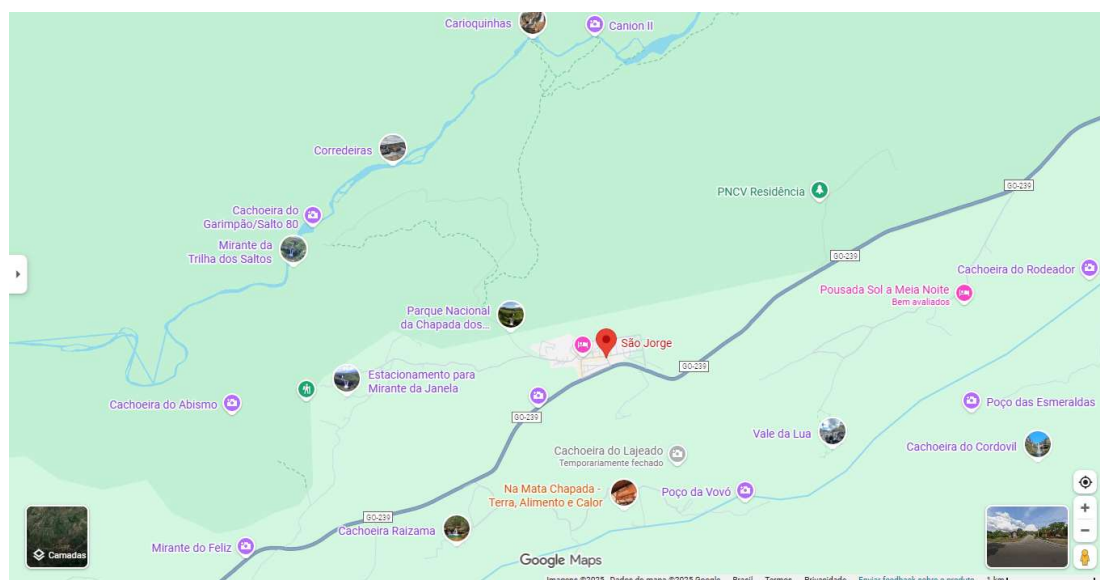
Autor Desconhecido. Data: 14 de março de 2025.

Disponível em: <https://elements.envato.com/vila-de-sao-jorge-alto-paraíso-goias-parque-nacion-WRRVBCB>

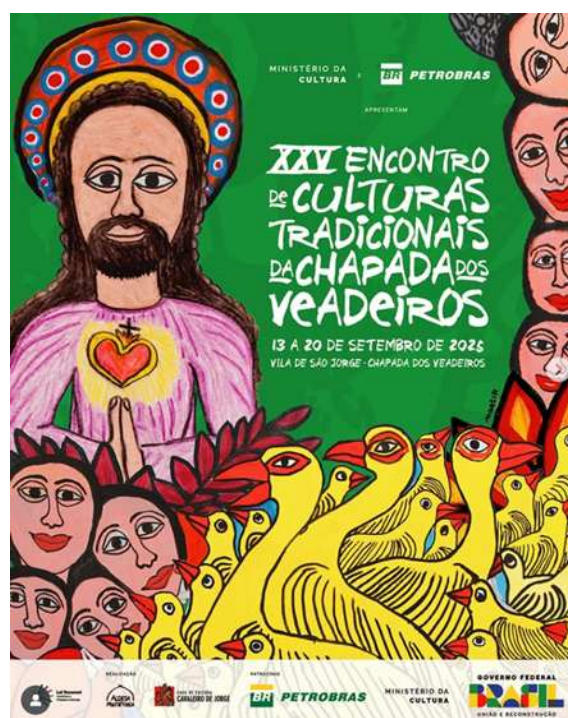
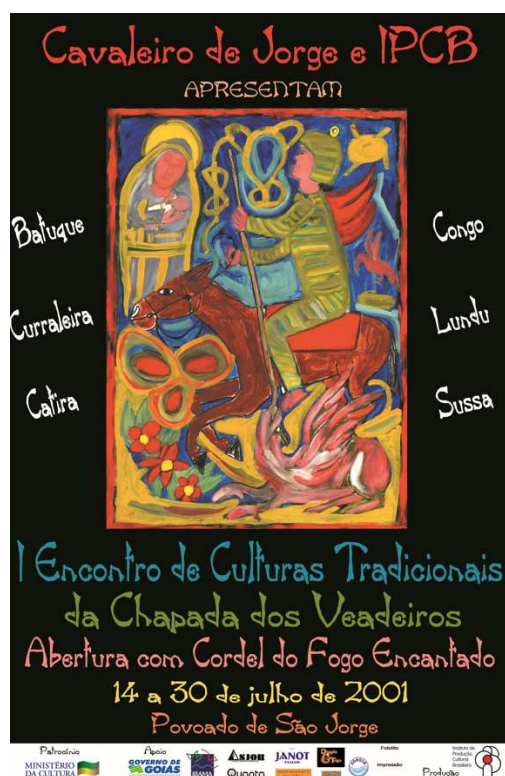


Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, Vila de São Jorge, Alto Paraíso, Chapada dos Veadeiros, Goiás
 Autor Desconhecido.

Disponível em: <https://www.cavaleirodejorge.com.br/>



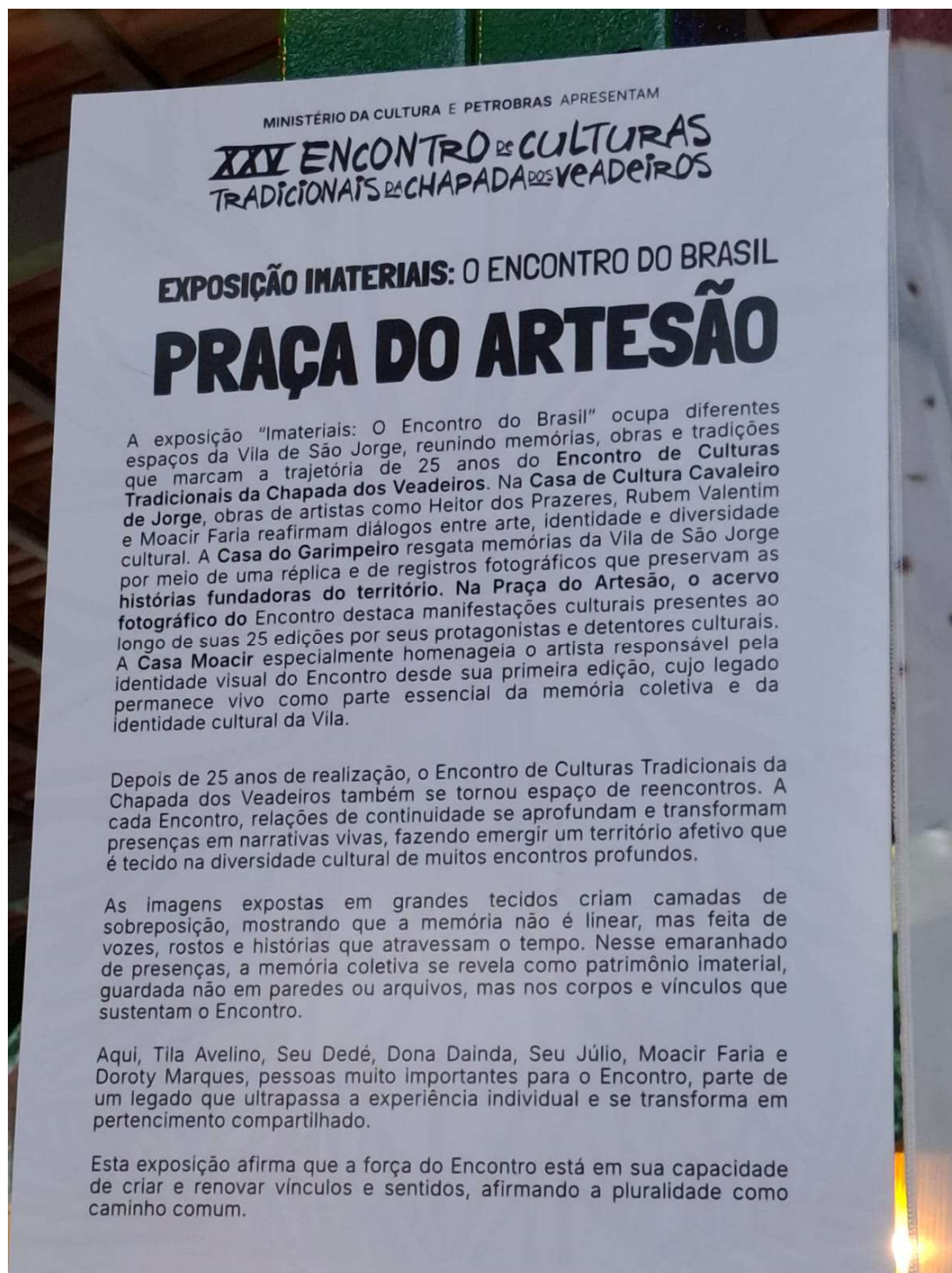
Mapa do Território. Fonte: Google Maps.



Cartazes do I (2001) e XXV (2025) Encontro de Culturas.
Fonte: Arquivo ECTCV.



Bandeira 01 Rota do Encontro Casa Cavaleiro de Jorge (2025)
Fonte: Gabriela Rodrigues/Arquivo ECTCV



Placa de identificação Praça do Artesão (2025)
Fonte: Gabriela Rodrigues/Arquivo ECTCV



Praça do Artesão (2025)
Fonte: Gabriela Rodrigues/Arquivo ECTCV



Credenciamento do Encontro / materiais finalizados (2025)
Fonte: Gabriela Rodrigues/Arquivo ECTCV



*Casa de Produção do Encontro (2025).
Fonte: Gabriela Rodrigues/Arquivo ECTCV*



Organização da Praça Encontro(2025)
 Fonte: Gabriela Rodrigues/Arquivo ECTCV



Oficinas de Cultura Popular. (2025).
Fonte: :Gabriela Rodrigues/Arquivo ECTCV



*Palco do Encontro em produção (2025).
Fonte: Gabriela Rodrigues/Arquivo ECTCV*



*Caçada da Rainha de Colinas do Sul no II Encontro de Culturas (2002).
Fonte: Arquivo ECTCV.*



*Congo de Niquelândia no III Encontro de Culturas (2003).
Fonte: Arquivo ECTCV.*



*Catira de São João d'Aliança no VI Encontro de Culturas (2006).
Fonte: Arquivo ECTCV.*



Sussa da Comunidade Kalunga no VI Encontro de Culturas (2006).
Fonte: Arquivo ECTCV.



Terno de Moçambique de Perdões (MG) no VI Encontro de Culturas (2006).
Fonte: Arquivo ECTCV.



*Maracatu Leão Coroado (PE) no VIII Encontro de Culturas (2008).
Fonte: Arquivo ECTCV.*



*Dança de São Gonçalo (MG) no X Encontro de Culturas (2010).
Fonte: Arquivo ECTCV.*



Imagem: Mesa do Divino, ECTCV 2025 - COMUNIDADE KALUNGA
Fonte: Acervo pessoal, José Fernando.



Imagem: Império do Divino, ECTCV 2025.
Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: Michelly Mattos.



Imagem: Dança da Sussa, Praça do Encontro, ECTCV 2025.
Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: JP Íasanã Tupinambá.



Imagem: Dança da Sussa, palco, ECTCV 2025.
Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: Lucas Borobo.



Imagem: Caixa de folia, ECTCV 2025.
Fonte: Acervo pessoal, José Fernando.



Imagem: Tambor Onça.
Fonte: Ferraz; Déa, 2022, p. 12.



Imagem: Tambor, ECTCV 2025.
 Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: JP Íasanã Tupinambá.



Imagem: Pandeiro, ECTCV 2025
 .Fonte: Acervo pessoal, José Fernando.



*Imagem: Sanfona, ECTCV 2025.
Fonte: Acervo pessoal, José Fernando.*



*Imagem: Bandeira do divino, ECTCV 2025.
Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: Gabriela Fernandes.*



Imagem: Mastro do divino, ECTCV 2025.
Fonte: Acervo pessoal, José Fernando



Imagem: Candeia sendo acesa, ECTCV 2025.
Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: Michelly Mattos.



Imagem: Quadro, ECTCV 2025.
Fonte: Acervo pessoal, José Fernando.



Imagem: Alferes portando a bandeira do divino, ECTCV 2025.
Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: Gabriela Fernandes.



*Imagem: Espada com o guardião da espada, ECTCV 2025.
Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: Michelly Mattos.*

CONGO DE NIQUELÂNDIA



Imagem: Vestimenta branca e vermelha, com lenço na cabeça, ECTCV 2005.
Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: Débora Amorim.



Imagem: Pena de Ema, em detalhe na cabeça, ECTCV 2004.
Fonte: Arquivo ECTC



*Imagem: Cortejo, ECTCV 2003.
Fonte: Arquivo ECTCV.*



*Imagem: Dança na porta da igreja, ECTCV 2003.
Fonte: Arquivo ECTCV.*



Imagem: Instrumentos. Da esquerda para a direita: tamborim, viola, cuica e reco-reco, ECTCV 2003
Fonte: Arquivo ECTCV.



Imagem: Viola, ECTCV 2025.
Fonte: Acervo pessoal, José Fernando.



*Imagem: Tamborim, ECTCV 2025.
Fonte: Acervo pessoal, José Fernando.*



*Imagem: Cuíca, ECTCV 2025.
Fonte: Acervo pessoal, José Fernando.*



Imagem: Cuíca (parte interna), ECTCV 2025.
Fonte: Acervo pessoal, José Fernando.



Imagem: Tambor, ECTCV 2025.
Fonte: Acervo pessoal, José Fernando.



*Imagem: Reco-reco de buriti, ECTCV 2005.
Fonte: Arquivo ECTCV.*



*Imagem: Pandeiro, ECTCV 2005.
Fonte: Arquivo ECTCV.*



Imagem: Pandeiro meia lua, ECTCV 2005.
Fonte: Arquivo ECTCV.



Imagem: Bandeira a Santa Efigênia, ECTCV 2025..
Fonte: Acervo pessoal, José Fernando.



Imagem: Bandeiras a Santa Efigênia e Nossa Senhora do Carmo, ECTCV 2025.
Fonte: Acervo pessoal, José Fernando.

CAÇADA DA RAINHA DE COLINAS DO SUL



Imagem: Vestimentas em branco e vermelho, ECTCV 2004.
Fonte: Arquivo ECTCV.



Imagem: Batuqueira com garrafa equilibrada na cabeça, ECTCV 2002.

Fonte: Arquivo ECTCV.



Imagem: Giro de Folia na Vila de São Jorge, ECTCV 2002.

Fonte: Arquivo ECTCV.



Imagem: Giro de Folia na Vila de São Jorge (Águas Termais), ECTCV 2008.

Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: Rodrigo Lima.



Imagem: Dança do Batuque, ECTCV 2003.

Fonte: Arquivo ECTCV.



*Imagem: Caixa de folia, ECTCV 2005.
Fonte: Arquivo ECTCV.*



*Imagem: Caixa de folia, visão lateral. ECTCV 2009.
Fonte: Arquivo ECTCV.*



*Imagem: Violas com violeiros, ECTCV 2004.
Fonte: Arquivo ECTCV.*



*Imagem: Pandeiro, ECTCV 2007.
Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: Marcelo Scaranari.*

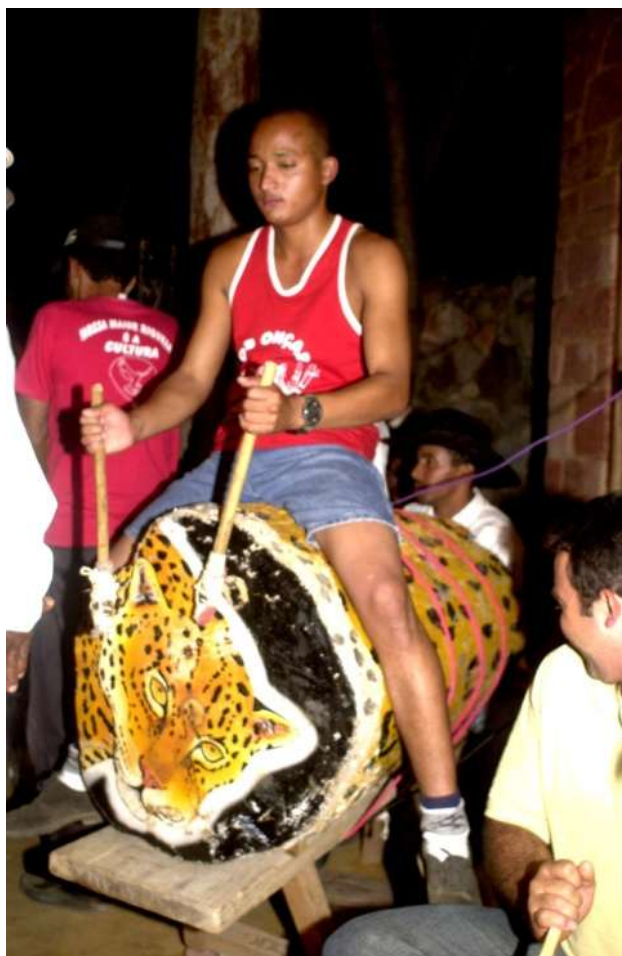


Imagem: Tocador com tambor onça, ECTCV 2002.
Fonte: Arquivo ECTCV.



Imagem: Bandeira do Divino Espírito Santo, ECTCV 2002.
Fonte: Arquivo ECTCV.



Imagem: Cruzeiro, em destaque a frente, ECTCV 2007.
Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: Marcelo Scaranari.



Imagem: Altar e Bandeiras do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário, ECTCV 2007.
Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: Marcelo Scaranari.



Imagem: Brincante com máscara artesanal, ECTCV 2003.
Fonte: Arquivo ECTCV.



Imagem: Brincantes com máscaras de material sintético, ECTCV 2005.
Fonte: Arquivo ECTCV.

CATIRA DE SÃO JOÃO D'ALIANÇA.



Imagem: Queimadinha, ECTCV 2015.
Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: Leonil Junior.



Imagem: Catireiros trajando vestimenta típica, com calça jeans, fivela, camisa colorida, chapéu, lenço e botinas, ECTCV 2007.

Fonte: Arquivo ECTCV.



Imagem: Catireiros dançando, ECTCV 2007.

Fonte: Arquivo ECTCV.



Imagem: Catireiros fazendo palmeado, ECTCV 2015.

Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: Leonil Junior.



Imagem: Catireiros fazendo o sapateado, ECTCV 2015.

Fonte: Arquivo ECTCV. Foto: Leonil Junior.

 Lista de vídeos Encontroteca /Canal

YouTube

Título	Links
25 anos de Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros	https://www.youtube.com/watch?v=sek9vwwKbbE
Exposição Ser Kalunga Depoimentos	https://youtu.be/zTn7kkfwFQQ?si=mQAMfZnEPwen4Je5
Exposição Ser Kalunga Festejos	https://youtu.be/hoXB5TSTtUg?si=TPbQV6d3vy_XxrE2
Vivência Kalunga na Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge	https://youtu.be/_Vmd0nwXVwE?si=fSGq1bqFKmvVdbQU
Exposição Ser Kalunga A História da Comunidade do Sítio Histórico	https://youtu.be/K1L8kUoh0-c?si=m877ks2xQAqXd7I
20 anos CCCJ Apresentação do Grupo da Caçada da Rainha de Colinas do Sul	https://youtu.be/RXysWtb-t-A?si=60Y_pKeisY5bBaua
Dia de Reis no Cavaleiro com o Giro de Folia de São João D'Aliança	https://youtu.be/1QO9rXYe-Jk?si=Mky3P385MKcAHRxa
Dança e Reza de São Gonçalo (TO)	https://youtu.be/vxmrHeUEXNw?si=7oZCzY6lws6c9Qn3
Amaro Freitas	https://youtu.be/v0BODJpNC5E?si=7KHd8PChKbU1dpT_
Catira de Formosa	https://youtu.be/gQuIomvrUlw?si=APArUSJydsDLJapm
Documentário sobre o 1o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros	https://youtu.be/eJyi5XGmq_Q?si=z_bzIJQRNNpk2K6S
Povo Kariri Xocó (AL)	https://youtu.be/_Arbx0LFSs?si=OVmVqpCFD3G_aTbW
Documentário III Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros	https://youtu.be/V7ks4t3K7UY?si=W-wDgoRbcRUjGamr
Chico Simões	https://youtu.be/q7shMNqaEzM?si=cEotPTf_lgBBMdxP
Lappa Amary	https://youtu.be/_pV6qp7MsUw?si=78Za3jmlsmjNwvt0
Mulheres Mebengókré (PA) 2016	https://youtu.be/i9X9Kh0zn_g?si=4X8PosfpNlazzqAYg
Povo Guarani M'bya (SC)	https://youtu.be/jxxB_OfYfp0?si=B8kVOAYCYcA9GfyR
Procissão Kalunga (GO)	https://youtu.be/hVi_xUPUpHg?si=zHTERltyLQJLXLjh
Romaria de Nossa Senhora de Abadia - Kalunga (GO)	https://youtu.be/WKfkkaqaUkA?si=HztFZGHe5-wa8i_
Turma que Faz (GO)	https://youtu.be/clOvw8_59ck?si=kc_bulCC6WmK-gdm
A Sussa Kalunga	https://youtu.be/tH17lunOxKU?si=jZyrncaOMTEWDu87
Seu Estrelo (DF)	https://youtu.be/NcgykPDQ3_4?si=w7o-33xQf7xfBgxH
Teaser Comunidades	https://youtu.be/-p3vcbnJvBg?si=6NgwUlrYIOwGN1H5
XXV Encontro de Culturas e Petrobras - uma história de grandes encontros	https://youtu.be/gdVPElgg0ss?si=X4dsn3_zv6ljSOxe
MESTRES E MESTRAS	https://youtu.be/uAc506Qv8bo?si=8sGkptEZrI09eqIX
Povos do Cerrado - XXV Encontro de Culturas	https://youtu.be/DuJeGPfGv_Y?si=0IU3qAqCXXSLILB
CABINE DAS MEMÓRIAS: Museu do Brinquedo	https://youtu.be/DVDPBqOvDvY?si=ZOR-GILMRk2FAyxD

CABINE DAS MEMÓRIAS: Christiana Gita	https://youtu.be/G9l6Hjky2U?si=o4gv9q6Uwmyc_Yiw
CABINE DAS MEMÓRIAS: Kildren Pantoja	https://youtu.be/nfSNF664Qxk?si=xywzJgyJhRoyVDJO
CABINE DAS MEMÓRIAS: Ricardo Buiú	https://youtu.be/Tlso1Rnjgvc?si=vWrUJwbUdWbCO1mk
CABINE DAS MEMÓRIAS: Mestre Rosildo do Rosário	https://youtu.be/qGKvt78IOTQ?si=_aUmaK-NkPqCTsk1
CABINE DAS MEMÓRIAS: Mestra Tia Tatá	https://youtu.be/EOwz3cUI0fA?si=2xD79dQTD1PNMkBX
Maria de Xindó e Rita da Barquinha (BA)	https://youtu.be/xVBSWOgwFwk?si=h6GGN6_0re8_-zeU
Mestra Penha (PB)	https://youtu.be/ULAautcnDok?si=WHtFPwRqf2Ade4ts
Mestre Gio do Jongo (SP)	https://youtu.be/Y3wp71Vs06w?si=A7CC5DTh4ZCS1_Zn
Encontroteca - Vídeo Institucional 2016	https://youtu.be/-7CZFbikZIU?si=dswKHDscvXaIM3_M
Povo do Alto Xingu	https://youtu.be/_XkNX4xondk?si=V2y6FEFTwRGKWM34
Povo Krahô (TO)	https://youtu.be/9GFD5GQblso?si=n1HKEpHmjV5-JUVP
Povo Fulni-ô (PE)	https://youtu.be/dvvJ-ol9160?si=VPRQL2iYsJbhNLUw
Turma que faz	https://youtu.be/qRHfXrvX9RI?si=e0SLphJtM7yaPpwb
Terno de Moçambique (MG)	https://youtu.be/uHpob1dXNg4?si=ICJuGhiliucaICls

6. AVALIAÇÃO

A importância da realização do evento denominado Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros tem sua origem no propósito de dar visibilidade às manifestações de um Brasil dito profundo e rebuscado, a partir de seu conjunto de saberes e fazeres, que buscam melhorar as condições de existência, realização e transmissão das celebrações.

Um segundo ponto percebido e levantado em conjunto à comunidade é que o evento também gera uma demanda turística efetiva na localidade, movimentando os serviços, prestadores de serviços, estruturas e outros.

A mudança na data de realização do Encontro de Culturas Tradicionais, no ano de 2025, gerou uma demanda sazonal, aumentando o fluxo de pessoas, visitantes e turistas na Vila de São Jorge no mês de setembro. Como o evento foi realizado, ao longo de todos os anos anteriores, no mês de julho, essa nova data proposta trouxe inovação ao calendário de atividades e, como dito anteriormente, gerou outra possibilidade de

entretenimento, compra e consumo de serviços no município de Alto Paraíso e região.

O interessante é perceber turistas que estiveram na Vila para participar do evento em todo o seu período de realização, ou não, tendo participação efetiva nas rodas de conversa, oficinas e em toda a programação. A Secretaria Municipal de Turismo de Alto Paraíso, neste ano, desenvolveu cinco pesquisas temáticas relacionadas ao evento, sendo uma delas sobre o perfil da demanda turística e uma segunda sobre o impacto de rendimentos nos negócios locais.

Mas é fato que o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros movimenta a Vila em toda a sua dimensão e desperta o desejo de pessoas de diversas regiões do país de visitarem a localidade nessa época, a fim de poderem se entreter com os atrativos naturais locais e também com manifestações culturais provenientes de diferentes partes do Brasil.

7. RECOMENDAÇÕES

A partir da elaboração deste inventário, seguem algumas recomendações a fim de manter a continuidade da realização do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, realizado pela Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge:

- a. Manter os processos de captação de recursos, a fim de assegurar a realização anual do evento;
- b. Elaborar e divulgar, anualmente, materiais de Educação Patrimonial sobre o evento e sobre as manifestações que ali se apresentam, em versões digitais e impressas, a serem distribuídos para escolas locais, da região e para o público em geral;
- c. Capacitar jovens locais a fim de que se tornem Agentes Comunitários do Encontro, com o intuito de mobilizar outros jovens da Vila para participarem das atividades e da programação ativa, bem como realizarem ações ecológicas e culturais de recepção aos visitantes;
- d. Enviar o conjunto documental à Secretaria de Cultura do Estado de Goiás/Núcleo de Preservação do Patrimônio Material e Imaterial da Superintendência de Patrimônio Histórico e Artístico, a fim de iniciar o processo de produção de um dossiê aprofundado do Encontro de Culturas Tradicionais, gerando dados que possam vir a registrar o bem como patrimônio cultural goiano;
- e. Enviar o conjunto documental produzido para a Coordenação de Identificação do Departamento de Patrimônio Imaterial do IPHAN/DF, a fim de iniciar o processo de transferência de dados para o repositório de informações culturais do Novo INRC/Plataforma TANAikan / IBICT / IBRAM, permitindo que o evento e suas atividades sejam publicados para acessos diversos;
- f. Oficializar o processo de assinatura do Termo de Adesão da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge junto ao IBICT/MCTI, a fim de estruturar e desenvolver a Política de Preservação Digital dessa instituição e aderir à Rede Brasileira Cariniana de Serviços de Preservação Digital.

ANEXOS

ANEXO I

MANUAL DE BOAS PRÁTICAS PARA ARQUIVOS DIGITAIS

INTRODUÇÃO

Este manual tem como objetivo ajudar na padronização da criação, manuseio e fluxo de trabalho com arquivos digitais e pastas no meio digital. As boas práticas aqui apresentadas foram retiradas levando em consideração a literatura de referência da Arquitetura da Informação, Ciência da Informação e Arquivologia. Tais referências, padrões e orientações aqui reunidas permitirão que os colaboradores envolvidos no fluxo de trabalho tenham uma fonte de consulta, visando a uniformização da informação a fim de trazer agilidade ao processo de trabalho.

Além disso, é preciso informar que este manual leva em consideração as especificidades do ambiente e trabalho da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, ao qual é destinado.

Assim, a implementação das recomendações aqui apresentadas tem por fim o alcance dos seguintes resultados:

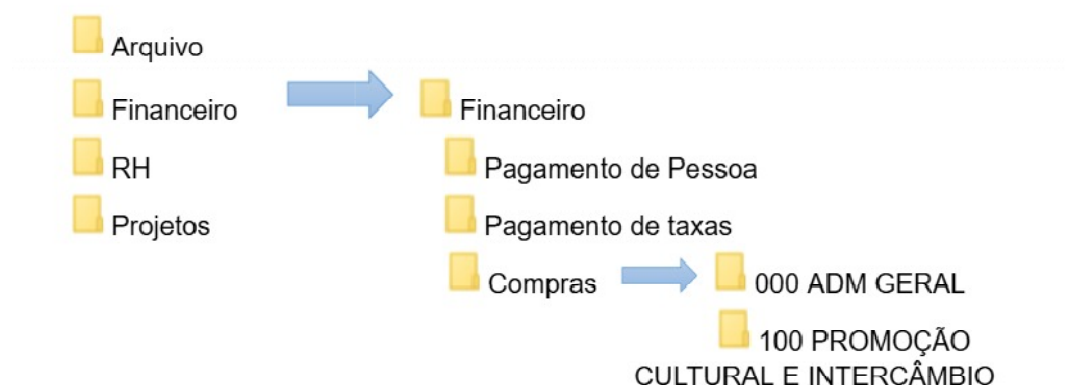
- Uniformização da organização dos documentos digitais.
- Melhorar o fluxo de trabalho e documental em cada setor.
- Uniformização da nomenclatura de nomeação dos arquivos digitais produzidos.
- Facilitar a guarda, localização e recuperação da documentação produzida ou recebida.

BOAS PRÁTICAS

Segue, de maneira numeradas, algumas práticas selecionadas para compor este manual:

1. Agrupamento de pastas e padrão de organização:

Ao definir as pastas a serem criadas, devem-se definir critérios claros, intuitivos e que reflitam a estrutura organizacional da instituição. Assim, é recomendado que a organização inicial seja por setor e subsetor de trabalho (pastas de alto nível). Por exemplo: Arquivo, Financeiro, RH, Projetos etc. Dentro de cada pasta principal podem-se criar subpastas que devem ser divididas por assunto. Seguindo as diretrizes da Ciência da Informação, é sugerido que essas pastas por assunto sejam organizadas de forma hierárquica com grandes pastas e subpastas que podem contemplar arquivos da área meio e área fim da organização.



2. Nomeação de pastas e arquivos

- Recomenda-se não utilizar caracteres especiais, tais como: \$, @, &, vírgulas, parênteses e letras acentuadas.

- Na separação das palavras deve-se usar o hífen ao invés de underscore/underline, pois o hífen não desaparece caso seja apresentado na forma de hyperlink.

- Ao nomear pastas, é importante que o nome seja significativo e intuitivo e em linguagem simples. Podem ser utilizadas letras maiúsculas no início dos nomes tanto de pastas, como arquivos. Isto torna a leitura mais agradável. Os arquivos e pastas também devem ser nomeados de maneira que possibilitem ao pesquisador intuir seu conteúdo sem a necessidade de abri-los.

- Não se deve utilizar abreviaturas. Caso necessário, utilizar abreviações previamente estabelecidas e padronizá-las em todos os arquivos. Caso a instituição tenha um vocabulário controlado, utilizar somente as abreviaturas que constar lá.

- Priorizar uma linguagem simples com termos conhecidos pelos colaboradores nas unidades de trabalho.

- Respeitar o limite de caracteres permitido na nomeação de arquivo no Windows: 256 caracteres.

3. Estrutura recomendada para nomes de arquivos

Uma boa estrutura deve conter os seguintes elementos:

[CLASSIFICAÇÃO]-[TIPO-DOCUMENTAL]-
[TÍTULO-RESUMIDO]-[DATA]-
[VERSÃO].extensão

Exemplo:

**113-RelatorioExecucaoProjeto-
TamboresMarajora-2025-12-22v1.PDF**

Recomenda-se que as versões de documentos sejam datadas no final do nome que lhe foi atribuído. Por exemplo: "v2021-10-08" (ano-mês-dia). Essa forma de nomeação possibilita que a versão do arquivo nas pastas fique na ordem cronológica. E, quando a versão final do documento estiver pronta, sugerimos que as respectivas versões antigas sejam deletadas. Evite nomear os arquivos com expressões como: "revisado e atualizado", "atualizada e corrigida" ou "última versão", pois essas

informações podem trazer dúvidas em relação à qual edição é a mais recente. Cuidado com a data que o sistema apresenta, pois ela pode mudar quando apenas abrimos o arquivo ou realizamos e salvamos qualquer alteração.

4. Outras recomendações:

- Os documentos devem ser armazenados no ambiente de trabalho no momento de sua produção. Para isso deve-se utilizar a caixa de diálogos "Salvar como" para salvar o documento, nomeá-lo, renomeá-lo e armazená-lo na pasta correspondente.

- Evite manter pastas com apenas um arquivo ou criar pastas com estruturas de subpastas muito complexas. Lembre-se que o excesso de pastas pode dificultar a recuperação das informações.

- Não se deve manter documentos no desktop do computador. Lembre-se que ele deve estar no ambiente de trabalho em sua respectiva pasta.

- Deve-se realizar limpezas periódicas dos arquivos nas pastas criadas, excluindo arquivos que não servem mais ou transferindo para o arquivo permanente aqueles que não serão mais usados ou atualizados. Aproveite para observar se as normas de preservação digital estão sendo atendidas e se os arquivos continuam compatíveis com os softwares disponíveis para evitar perda de informação. Pode acontecer de os arquivos precisarem ser abertos e salvos com formatos mais atuais. **Exemplos:** formatos de arquivos .xls para .xlsx; arquivos .doc para .docx.

- Algumas informações podem ser representadas por períodos no tempo (ano e/ou mês/ano). Pois pode facilitar a recuperação das informações. Exemplo: Uma pasta de "Expedientes", pode conter pastas nomeadas como: "2020", "2021", "2022", "2023"...

- Recomenda-se que os arquivos sejam armazenados em seu formato original exceto e-mails que, preferencialmente, devem ser salvos no formato ".pdf" utilizando o mesmo padrão de nomenclatura estabelecido para as pastas e arquivos.

REFERÊNCIAS

ADOLFO, L. B.; SILVA, R. C. P. A arquivística e a arquitetura da informação: uma análise interdisciplinar. Arquivística.net, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 34-51, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2009/11/pdf_39c36b8e5e_0006729.pdf>. Acesso em: 5 Jun. 2025.

ARTY, D. Arquitetura da informação: ciência para estruturar conteúdos. Chief of design, 2019. Disponível em: <<https://www.chiefofdesign.com.br/arquitetura-da-informacao/>>. Acesso em: 6 Jun. 2025.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. Manual de Boas Práticas para Gestão de Pastas e Arquivos Digitais, 2019. Disponível em: <<https://portal.tcu.gov.br/biblioteca-digital/manual-de-boas-praticas-paragestao-de-pastas-e-arquivos-digitais.htm>>. Acesso em: 05 Jun 2021.

BRASIL. Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais. Boas Práticas para a Produção, Armazenamento e Acesso a Documentos Digitais, 2023. Disponível em: <https://ejef.tjmg.jus.br/wp-content/uploads/2022/01/20220131_cartilha_boas-praticas-documentos-digitais.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2025

KAMEL, A. Y. Boas práticas de gestão de documentos e arquivos digitais. Jusbrasil.

Disponível em:

<<https://antoine.jusbrasil.com.br/artigos/11696721/9/9-boas-praticas-de-gestao-de-documentos-e-arquivos-digitais>>. Acesso em: 05 Jun. 2025.

ANEXO II

CÓDIGO DE CLASSIFICAÇÃO RELATIVO AS ATIVIDADES – MEIO E ATIVIDADES-FIM – CASA DE CULTURA CAVALEIRO DE JORGE

1. APRESENTAÇÃO - CASA DE CULTURA CAVALEIRO DE JORGE

Proporcionar encontros multiculturais que possibilitem a troca de saberes e fazeres. Esta é a missão da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, nascida em meio ao cerrado goiano, em 1997, no distrito de São Jorge, antiga vila de garimpeiros, à entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Valorização cultural, força, fé, alegria, resistência e diversidade são os valores que norteiam a história do Cavaleiro – como é chamado pela comunidade –, erguido em paredes de pedra toá, típica da região, com o propósito de ser um espaço democrático para manifestações da cultura popular tradicional e um símbolo sustentável de fortalecimento das expressões da diversidade cultural.

Em julho de 1998 e 1999, a Casa realizou dois festivais independentes de cultura, contando somente com o voluntariado de seus membros e da comunidade. Mal se imaginava que ambos se tornariam o alicerce de um projeto muito maior, que nasceria em julho de 2001: o I Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. Com o propósito de reunir expressões culturais tradicionais do Brasil, com destaque aos grupos

da Chapada, se tornou um grande encontro anual de música, dança e fé.

A partir do Encontro, novos projetos socioculturais começaram a fluir. Em 2003, a Casa de Cultura ganhou a parceria e os sonhos da artista popular Doroty Marques, que aqui instalou o Turma Que Faz, que envolve as crianças e adolescentes da região da Chapada dos Veadeiros em atividades educativas, artísticas, culturais, esportivas e ambientais. Alguns anos depois, em 2007, foi a vez da Aldeia Multiétnica ganhar vida e proporcionar vivências e integração com costumes, tradições e modos de vida de etnias indígenas do Brasil e das Américas.

Ao longo do ano, a Casa de Cultura continua com atividades socioculturais pontuais, como palestras, oficinas de capacitação, vivências indígenas na Aldeia e comemorações religiosas do calendário popular, como a Semana de Jorge, em homenagem ao santo padroeiro da vila, São Jorge. As portas estão sempre abertas aos grupos minoritários que desejam expandir seu trabalho e essência, assim como artistas de todo o Brasil. Aos fins de semana, o Cavaleiro também realiza bailes de forró e de outros ritmos brasileiros. É o maior espaço cultural da Chapada dos Veadeiros.

Recebemos grupos de estudantes, de qualquer idade, para uma imersão na cultura local da Chapada dos Veadeiros, junto aos monitores do projeto Turma Que Faz. Oferecemos um dia de programação com aulas de percussão e tecido acrobático, além da apresentação do espetáculo Peña Folclórica.

A equipe da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge mantém contato constante com as comunidades tradicionais que participam dos projetos, com o objetivo de trocar informações, pensar em novas ideias, ajudar no que estiver ao seu alcance e documentar as práticas culturais, sociais e

históricas desses povos por meio de reportagens, fotos e vídeos para suas redes sociais e sites.

Em reconhecimento de sua importância, a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge foi nomeada Pontão de Cultura pelo Ministério da Cultura e recebeu prêmios como o Cultura Viva, do mesmo Ministério, que a selecionou como uma das 10 melhores iniciativas em prol das culturas populares e tradicionais do País. Em 2015, o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros foi consagrado com o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, concedido pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), na categoria II, que contempla iniciativas de excelência na promoção e gestão compartilhada do Patrimônio Cultural. O prêmio prestigia ações que demonstram compromisso e responsabilidade com a preservação do patrimônio cultural brasileiro. Em 2017, a Casa de Cultura foi contemplada com o Prêmio Culturas Populares - Edição Leandro Gomes de Barros, promovido pela Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura. Em 2018, o Projeto Turma Que Faz recebeu o segundo lugar do Prêmio Itaú-UNICEF.

1.1 IMPORTÂNCIA DO CÓDIGO DE CLASSIFICAÇÃO

A gestão documental é fundamental para a organização da informação produzida por qualquer instituição a fim de garantir, não apenas o cumprimento de obrigações legais e a preservação da memória institucional, mas também o suporte na tomada de decisão, dar celeridade aos processos administrativos e transparência e acesso às informações aos cidadãos. O presente projeto de tratamento arquivístico surge da necessidade de aplicar técnicas e metodologias especializadas para organizar, preservar e dar o devido tratamento ao acervo, alinhando-o, assim, às melhores práticas arquivísticas e às exigências legais, como a Lei de Acesso à Informação (Lei nº 12.527/2011) e a Lei

Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei nº 13.709/2018. A intervenção proposta visa transformar o acervo existente em uma fonte de informação organizada, acessível e segura, contribuindo para a recuperação da informação produzida.

Assim, entendemos que o ponto de partida para a organização do acervo deve ser iniciado pela construção de um Plano de Classificação e Tabela de Temporalidade de Documentos, que deverá estar pronto e aprovado até o dia 5 de junho de 2025. As demais etapas serão tratadas em planos de trabalhos posteriores, que serão feitos em comum acordo com o arquivista responsável e a direção administrativa da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge.

1.2 METODOLOGIA ESCOLHIDA

Primeiro, cabe ressaltar que, antes de iniciar a elaboração dos instrumentos de gestão de documentos, é necessário a formação de uma comissão de trabalho de forma a alinhar com os mesmos as ações desenvolvidas.

Segundo, é preciso ter em mente que o Plano de Classificação e Tabela de Temporalidade visam cumprir as funções arquivísticas de classificação e avaliação de documentos. Sendo que a classificação cumpre a missão de assegurar e evidenciar a relação orgânica existente entre os documentos produzidos e acumulados pela organização no desenvolvimento de suas funções e atividades. Além disso, permite a sua recuperação de forma rápida e eficiente, facilitando a avaliação dos documentos.

Quanto à avaliação documental, é a análise de documentos de arquivo que estabelece os prazos de guarda e a destinação final, definindo o momento em que os documentos poderão ser eliminados ou recolhidos ao arquivo, de acordo

com o valor e o potencial de uso que apresentam para o produtor.

Assim, na literatura especializada identificamos que os principais métodos de classificação de documentos são: funcional, estrutural e por assunto, além da classificação por tipologia documental. Optamos por um Plano de Classificação baseado no método funcional, por ser o método adotado e recomendado pelo Arquivo Nacional. Tal método visa manter a relação orgânica dos documentos em relação às suas funções garantindo mais estabilidade ao instrumento de classificação.

Para realizar a classificação de documentos posta no instrumento de gestão, portanto, é necessário realizar o estudo das funções e atividades do organismo produtor; fazer o levantamento da produção documental; e estabelecer a hierarquia das funções. Vale lembrar que o desenvolvimento do método funcional não nos exige de realizar o estudo da estrutura administrativa da ONG, embora esta não deva se refletir no Plano de Classificação e Tabela de Temporalidade.

A estrutura funcional será representada em classes, subclasses, grupos e subgrupos. Seguindo essa metodologia, as classes deverão ser representadas do geral

para o particular, a fim de representar as funções, subfunções e atividades que produzem os documentos. Tal processo de elaboração deverá levar em conta alguns pontos propostos pelo Arquivo Nacional (AN):

- Os níveis de classificação serão dispostos de maneira lógica e hierárquica, a partir do conhecimento do contexto de produção dos documentos.
- Deve sempre haver consistência nas divisões dos níveis de classificação,

adotando-se o mesmo critério nas classes, subclasses, grupos e subgrupos.

- As classes devem ser mutuamente excludentes, ou seja, vedar a possibilidade de dupla classificação dos documentos.
- A denominação das classes, subclasses, grupos e subgrupos deve se orientar pela concisão e precisão, a fim de expressar de forma inequívoca o grupamento que corresponde a eles.

1.3. CODIFICAÇÃO DOS DESCRITORES

No âmbito da classificação, o código é um símbolo ou conjunto de símbolos que representa o descritor a ele associado. Portanto, pode ser composto uma variedade de símbolos, números, letras e caracteres de acordo com o método adotado, e sua principal função é a localização e a ordenação física e lógica dos documentos. Logo, o tal método deverá seguir alguns princípios, quais sejam: facilidade de uso, capacidade de expansão e memorização.

Neste projeto optamos por usar o método numeral decimal, por ser de fácil compreensão e aplicação, além de permitir sua expansão conforme a necessidade da organização. Essa divisão será feita em classe, subclasse, grupo e subgrupo e representada por descritores que reflitam a subordinação dos subgrupos aos grupos, dos grupos às subclasses e das subclasses às classes.

Na codificação numérico decimal, um ponto segue o terceiro dígito em um número de classe, após o qual a divisão por dez continua até o grau específico de classificação necessário. Assim, a codificação dos descritores deverá respeitar sua

hierarquia dentro de cada classe etc., respeitando a lógica apresentada.

1.4 ESTRUTURA DO PLANO DE CLASSIFICAÇÃO

Levando em consideração que as Organizações não governamentais (ONGs) não são obrigadas a seguir o Código de Classificação de Documentos de Arquivo relativos às Atividades-Meio da Administração Pública, do Arquivo Nacional, mas podem utilizá-lo como referência, se assim o desejarem, optamos pela não adoção do modelo, visto que a Casa de Cultura Cavaleiro de São Jorge possui uma pequena estrutura organizacional e de produção documental. Assim, pareceu inviável a adoção de tal modelo.

Assim, baseado na liberdade que as ONGs têm para criar seus próprios instrumentos de gestão documental, tanto para a área meio quanto para a área fim, desde que: adotem boas práticas arquivísticas; garantam a autenticidade, a integridade, a acessibilidade e a preservação dos documentos; atendam às necessidades administrativas, legais e históricas da própria instituição, optamos pela criação de apenas um Plano de Classificação e Temporalidade de Documentos que atendessem as áreas administrativa e finalística da Casa de Cultura.

2. CÓDIGO DE CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS – ATIVIDADE-MEIO DA CASA DE CULTURA CAVALEIRO DE JORGE

O Código de Classificação de Documentos de Arquivo relativos às atividades-meio da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, visa a estabelecer e dar diretrizes para uso dos documentos, garantindo assim exatidão em sua recuperação.

Este é um instrumento de suma importância para o processo de gestão documental, tendo em vista que permeia desde a classificação até a avaliação, transferência, recolhimento e/ou eliminação. Além

disso, é essencial para a normatização da produção, uso, tramitação e arquivamento dos documentos.

Na elaboração do Código de Classificação de Documentos de Arquivo foi utilizado o método decimal com Classes, Subclasses, Grupos e Subgrupos. Com base nas atribuições e funções da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge. Define-se, assim, a seguinte estrutura de classificação de suas atividades-meio:

000 ADMINISTRAÇÃO GERAL

Esta classe contempla a documentação referente às atividades relativas à administração e funcionamento da organização no alcance dos seus objetivos.

010 ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Esta subclasse contempla os documentos relativos às políticas institucionais, estrutura organizacional, planejamento, os registros jurídicos de constituição como pessoa jurídica, sua relação com o terceiro setor e contratação de serviços, e gestão da comunicação social.

011 ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

Incluem-se documentos as mudanças estratégicas (missão, finalidade e forma de atuação) e estruturais (hierarquia, distribuição de autoridade e responsabilidade, abertura ou encerramento de unidades administrativas), bem como aqueles resultantes da implantação de reformas administrativas.

012 HABILITAÇÃO JURÍDICA E REGULARIZAÇÃO FISCAL

Incluem-se documentos relativos à inscrição, baixa e/ou cancelamento nos órgãos competentes, tais como os registros de inscrição no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) entre outros.

013 GESTÃO INSTITUCIONAL

Este grupo contempla os documentos relativos ao planejamento organizacional, acompanhamento, avaliação, governança, acompanhamentos das atividades e gestão de risco, gerenciamento e processos organizacionais.

014 CONTRATAÇÃO E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

Este grupo inclui documentos relativos à contratação tanto de pessoas jurídicas, como físicas para a prestação de serviço, fornecimento de mão-de-obra terceirizada ou qualquer tipo de terceirização.

014.1 PAGAMENTO

Subgrupo que contempla documentos relativos ao pagamento para pessoas jurídicas ou físicas (transferências de quantias, depósitos bancários etc)

015 COMUNICAÇÃO SOCIAL

Incluem-se documentos relativos à administração da comunicação social, comunicação interna execução e avaliação das estratégias e ações de marketing e redes sociais, alinhadas com o posicionamento institucional, desenvolvidos com meios próprios, por meio da contratação de empresas terceirizadas ou profissionais temporários, bem como a publicação de peças editoriais e de imprensa.

015.1 COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

Incluem-se documentos referentes à comunicação interna, campanhas, divulgações de materiais, posicionamentos institucionais etc.

015.2 PUBLICAÇÃO EDITORIAL

Este subgrupo contempla documentos referentes a publicações editoriais feitas pela instituição ou

por terceiro em nome da própria organização. Incluem-se livros, revistas, manuais etc.

015.3 CLIPPINGS DE IMPRENSA

Textos, fotos e conteúdos publicados pela imprensa sobre a instituição.

020 GESTÃO DE PESSOAS

Esta subclasse refere-se a documentos relativos a direitos e obrigações dos colaboradores, sejam eles temporários, residentes, estagiários ou contratados, bem como aqueles referentes aos direitos e obrigações do empregador.

021 POLÍTICA DE PESSOAL

Incluem-se documentos relativos ao planejamento, desenvolvimento e implantação das políticas de pessoal, planejamento da força de trabalho, criação, extinção e transformação de cargos.

022 IDENTIFICAÇÃO FUNCIONAL

Nas subdivisões deste descritor classificam-se documentos referentes à vida funcional dos colaboradores. Incluem-se documentos referentes à requisição e ao controle de entrega de documentos de identificação funcional, tais como: carteira, cartão, identidade, crachá, credencial, passaporte.

023 CONCESSÃO DE DIREITOS E VANTAGENS

Este grupo contempla documentos referentes à percepção de pagamento de vencimentos, salários, gozo de férias, afastamentos, auxílios e reembolso de despesas, bem como aqueles referentes aos descontos, obrigações trabalhistas e estatutárias, encargos patronais e recolhimentos.

023.1 FOLHAS DE PAGAMENTO

Incluem-se folhas de pagamento, fichas financeiras e relação de pagamentos.

030 GESTÃO FINANCEIRA

Nesta subclasse classificam-se documentos referentes às atividades de programação, gestão e execução financeira da organização, bem como aqueles referentes ao controle da efetiva entrada e saída de recursos.

031 PROGRAMAÇÃO FINANCEIRA

Incluem-se documentos referentes à entrada e saída de recursos financeiros, à previsão da utilização dos recursos destinados a determinados fins e à operacionalização de gastos específicos visando a realização das atividades e projetos desenvolvidos ou custeados pela organização.

032 DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

Incluem-se os documentos referentes à consolidação dos registros contábeis, tais como: livro-razão, balanço patrimonial, balanço orçamentário, balanço financeiro, demonstração das variações patrimoniais, demonstrações dos fluxos de caixa, demonstração das mutações do patrimônio líquido e balancetes.

033 RECOLHIMENTO DE IMPOSTOS, TAXAS E DEMAIS TRIBUTOS

Incluem-se documentos referentes ao pagamento de impostos, taxas e demais tributos pelo órgão e entidade, tais como: taxa de incêndio, contribuição de melhoria, imposto predial e territorial urbano.

040 GESTÃO DE BENS PATRIMONIAIS

Esta subclasse contempla documentos referentes à aquisição, alienação e inventário de bens

imóveis (terrenos, edifícios, residências e salas), de veículos motorizados e não motorizados (propulsão humana e tração animal) e de bens semoventes (animais utilizados para patrulhamento, investigação e transporte), bem como aqueles referentes à contratação de prestação de serviços para o fornecimento de serviços públicos essenciais, para a execução de obras e ao controle, proteção, guarda e segurança patrimonial.

041 AQUISIÇÃO E INCORPORAÇÃO DE BENS

Nas subdivisões deste descritor classificam-se documentos referentes à aquisição e incorporação de bens imóveis, de veículos e de bens semoventes.

041.1 IMÓVEIS

Neste descritor incluem-se documentos referentes à aquisição definitiva de bens imóveis.

041.2 VEÍCULOS

Neste descritor incluem-se documentos referentes à aquisição definitiva de veículos.

041.3 BENS SEMOVENTES

Neste descritor incluem-se documentos referentes à aquisição definitiva de bens semoventes.

042 ALIENAÇÃO

Neste descritor classificam-se documentos referentes à alienação de bens imóveis, de veículos e de bens semoventes.

042.1 IMÓVEIS

Incluem-se documentos referentes à venda e leilão de imóveis, assim como à alienação fiduciária como garantia de propriedade de bens imóveis.

042.2 VEÍCULOS

Incluem-se documentos referentes à venda e leilão de veículos.

042.3 BENS SEMOVENTES

Incluem-se documentos referentes à venda e leilão de animais.

043 DOAÇÃO E PERMUTA

Neste descritor classificam-se documentos referentes à alienação definitiva de bens imóveis, de veículos e de bens semoventes.

043.1 IMÓVEIS

Incluem-se documentos referentes à doação e permuta de imóveis.

043.2 VEÍCULOS

Incluem-se documentos referentes à doação e permuta de veículos.

043.3 BENS SEMOVENTES

Incluem-se documentos referentes à doação e permuta de animais.

050 GESTÃO DA DOCUMENTAÇÃO, INFORMAÇÃO E MUSEU

Esta subclasse contempla documentos referentes à produção, controle, classificação, avaliação, destinação e tratamento da informação, à aquisição, processamento técnico, controle, distribuição e acesso aos acervos bibliográfico e museológico, bem como aqueles referentes à conservação e preservação de acervos, à produção editorial e à gestão de sistemas e de infraestrutura tecnológica do órgão e entidade.

051 GESTÃO DE DOCUMENTO DE ARQUIVO

Nas subdivisões deste descritor classificam-se documentos referentes à elaboração e

implantação de programas de gestão da documentação arquivística e da informação.

052 GESTÃO DE ACERVO BIBLIOGRÁFICO

Nas subdivisões deste descritor classificam-se documentos referentes à aquisição, incorporação, processamento técnico, inventário e desincorporação de acervos bibliográficos.

052 GESTÃO DE ACERVO MUSEOLÓGICO

Nas subdivisões deste descritor classificam-se documentos referentes à aquisição, incorporação, processamento técnico, inventário e desincorporação de acervos museológicos.

2. CÓDIGO DE CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS – ATIVIDADE-FIM DA CASA DE CULTURA CAVALEIRO DE JORGE

O Código de Classificação de Documentos de Arquivo relativos às atividades-fim da Fundação Nacional do Índio (Funai), visa a estabelecer e dar diretrizes para uso dos documentos resultados das ações finalísticas da Casa de Cultura no alcance de seus objetivos.

Na elaboração do Código de Classificação de Documentos de Arquivo foi utilizado o método decimal com Classes, Subclasses, Grupos e Subgrupos, assim como foi estabelecido para a atividade-meio. Com base nas atribuições e funções da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, define-se a seguinte estrutura de classificação de suas atividades-fim:

100 CLASSE 100 - PROMOÇÃO CULTURAL E INTERCÂMBIO

Esta classe contempla a documentação referente às atividades relativas à área finalística da instituição no alcance dos seus objetivos organizacionais.

110 ORGANIZAÇÃO DE ENCONTROS E EVENTOS CULTURAIS

Nas subdivisões desta classe classificam-se documentos resultantes das ações da organização desenvolvidas através do relacionamento com o público e às ações de promoção das culturas locais e dos povos indígenas por meio de projetos desenvolvidos em conjunto com a comunidade e os povos indígenas, que contribuam para a preservação, divulgação, valorização e proteção do patrimônio cultural dos povos indígenas, especialmente nas situações em que as expressões culturais estejam em situação de vulnerabilidade.

111 PROMOÇÃO DE EVENTOS CULTURAIS, COLABORAÇÃO E PARCERIA

Nas subdivisões deste grupo classificam-se os documentos decorrentes da organização, execução, acompanhamento e avaliação de resultados de cursos, seminários, palestras, mesas-redondas, painéis e outros eventos promovidos pela organização ou em colaboração com outras instituições similares, tais como projetos, formulários de organização da logística, programação, listagens de convidados, listagens de inscritos, folders, cartazes e outros documentos referentes à expedição de declarações e atestados de participação.

111.1 PROGRAMAÇÃO, PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO.

Incluem-se os documentos referentes ao planejamento e programação dos eventos promovidos, tais como formulários de organização da logística, programação, lista de convidados e relatórios de avaliação.

111.2 DIVULGAÇÃO E INSCRIÇÃO

Incluem-se os documentos relativos à promoção dos eventos, tais como folders, cartazes, folhetos, lista de inscritos e outros documentos referentes à

expedição de declarações e atestados de participação.

112 FOMENTO A PROJETOS CULTURAIS

Incluem-se documentos decorrentes das fases de concepção, planejamento e organização das ações de fomento de projetos culturais ou com povos indígenas e outras instituições, cujo objetivo é o fortalecimento de seu patrimônio cultural, por meio da promoção de bens culturais de natureza material e imaterial. São ações que visam fomentar, por exemplo, a produção de bens culturais para geração de renda, a formação de coleções etnográficas para salvaguarda, a realização de rituais e encontros, registros audiovisuais de bens culturais, a transmissão de saberes e outras ações de promoção da diversidade cultural local e dos povos indígenas tais como programas, editais, chamadas, documentos produzidos para divulgação do processo de submissão, formulários de inscrição, formulários de análise, pareceres técnicos, relatórios técnicos de atividades e relatórios de gestão.

113 REGISTRO DOS EVENTOS E ENCONTROS CULTURAIS

Incluem-se documentos decorrentes de parcerias diretas com os povos locais e/ou povos indígenas com objetivo de documentar sua cultura material e imaterial, seu processo de produção, a partir do reconhecimento da necessidade de ações de promoção em relação à sua cultura material e imaterial e seus processos de produção. Incluem-se os documentos decorrentes das ações de capacitação em etnografia e em técnicas de registro audiovisual, tais como relatórios de oficinas de qualificação e produtos audiovisuais.

113.1 REGISTOS FOTOGRÁFICOS

Este subgrupo contempla os registros fotográficos gerados pelo processo de

documentar a cultura dos povos locais e povos originários.

113.2 REGISTROS AUDIOVISUAIS

Este subgrupo contempla os registros audiovisuais gerados a partir do processo de documentar as manifestações culturais dos povos locais ou povos originários.

114 PROJETOS DE EXPOSIÇÕES E MOSTRAS ITINERANTES

Incluem-se documentos referentes à concepção, planejamento, divulgação, execução, acompanhamento e avaliação de resultados das exposições de longa duração, curta duração e mostras temporárias, tais como projetos, programação, relatórios de avaliação, convite, folder, cartazes e listas de presença.

115 ATENDIMENTO AO PÚBLICO

Neste grupo incluem-se os documentos decorrentes das ações de atendimento às diversas demandas do público em relação aos serviços oferecidos pela instituição. Compreende, por exemplo, as ações de supervisão de visitas, atividades de recepção de público, orientação ao público em pesquisas sobre os acervos.

120 ALDEIA MULTIÉTNICA

Nas subdivisões desta classe classificam-se documentos resultantes das ações da organização desenvolvidas através do relacionamento com o público e às ações de promoção das culturas locais e dos povos indígenas por meio do evento Aldeia Multiétnica.

121 GERENCIAMENTO DA IMAGEM E DE CAMPANHAS

Incluem-se os documentos referentes ao uso de imagem, como Autorização e Contrato de Cessão de Uso de Imagem, Projetos de Marketing do

evento Aldeia Multiétnica e Projetos de Promoção Institucional da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge junto ao evento.

121.1 REGISTRO FOTOGRÁFICOS

Este subgrupo contempla os registros fotográficos gerados pelo processo de documentar o evento Aldeia Multiétnica.

121.2 REGISTROS AUDIOVISUAIS

Este subgrupo contempla os registros audiovisuais gerados a partir do processo de documentar as manifestações culturais no evento Aldeia Multiétnica.

122 GERENCIAMENTO DE EVENTOS

Incluem-se os documentos referentes à promoção, produção e gerenciamento do evento.

122.1 COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS

Nas subdivisões deste descritor, classificam-se os documentos referentes à comercialização de publicações e produtos. Incluem-se também os documentos referentes a parcerias e prospecções para comercialização de produtos, feiras e eventos de negócios.

123 PROMOÇÃO CULTURAL, COLABORAÇÃO E PARCERIA

Nas subdivisões deste grupo classificam-se os documentos decorrentes da organização, execução, acompanhamento e avaliação de resultados de cursos, seminários, palestras, mesas-redondas, painéis e outros eventos promovidos pela organização ou em colaboração com outras instituições similares, tais como projetos, formulários de organização da logística, programação, listagens de convidados, listagens de inscritos, folders, cartazes e outros documentos referentes à expedição de declarações e atestados de participação.

130 ENCONTRO DE CULTURA

Nas subdivisões desta classe classificam-se documentos resultantes das ações da organização desenvolvidas através do relacionamento com o público e às ações de promoção das culturas locais e dos povos indígenas por meio do evento Encontro de Cultura.

131 GERENCIAMENTO DA IMAGEM E DE CAMPANHAS

Incluem-se os documentos referentes ao uso de imagem, como Autorização e Contrato de Cessão de Uso de Imagem, Projetos de Marketing do evento Encontro de Cultura e Projetos de Promoção Institucional da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge junto ao evento.

132 GERENCIAMENTO DO EVENTO

Incluem-se os documentos referentes à promoção, produção e gerenciamento do evento.

133 PROMOÇÃO CULTURAL, COLABORAÇÃO E PARCERIA

Nas subdivisões deste grupo classificam-se os documentos decorrentes da organização, execução, acompanhamento e avaliação de resultados de cursos, seminários, palestras, mesas-redondas, painéis e outros eventos promovidos pela organização ou em colaboração com outras instituições similares, tais como projetos, formulários de organização da logística, programação, listagens de convidados, listagens de inscritos, folders, cartazes e outros documentos referentes à expedição de declarações e atestados de participação.

140 TURMA QUE FAZ

Nas subdivisões desta classe classificam-se documentos resultantes das ações da organização desenvolvidas por meio de atividades

educativas, artísticas, culturais, esportivas e ambientais, realizadas pelo Turma Que Faz.

150 GESTÃO COMPARTILHADA DE PATRIMÔNIO

Incluem-se nesta classe documentos referentes às atividades de patrimonialização como bens móveis, imóveis e imateriais.

151 PROCESSO DE RECONHECIMENTO E PATRIMONIALIZAÇÃO

Incluem-se nesta subclasse documentos referentes ao processo de registro e reconhecimento de determinado bem material ou imaterial. Também contém projetos, estudos e relatórios sobre patrimônio material/ imaterial.

152 LEGISLAÇÃO, NORMAS E PROCEDIMENTOS

Incluem-se nesta subclasse leis, decretos-lei, decretos, portarias e regulamentos, • propostas e estudos de legislação, bem como legislação de interesse, de nível nacional, estrangeira, estadual, municipal e outras.

160 PESQUISA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Nas subdivisões deste grupo classificam-se os documentos decorrentes das ações de divulgação científica dos resultados dos trabalhos desenvolvidos pela equipe técnica, em séries e coleções editadas, incluindo publicações, artigos e outros produtos da instituição, produzidos a partir de projetos, convênios, cooperações, parcerias com outras instituições e núcleos culturais e universidades.

161 PESQUISA

Incluem-se documentos resultantes das ações de pesquisa planejadas, desenvolvidas, monitoradas e avaliadas, abrangendo temas relacionados às culturas, línguas, história, processos de contato, território dos povos indígenas e povos locais, subsidiando a produção de material informativo da

instituição e de divulgação de suas culturas, tais como planos, programas, projetos, relatórios parciais e finais de avaliação de resultados.

170 DISCUSSÃO E ELABORAÇÃO DE PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS (CURSO E OFICINAS)

Nas subdivisões desta subclasse classificam-se documentos decorrentes da promoção de atividades e desenvolvimento de produtos voltados para educação, relativos aos saberes e culturas dos povos locais e povos originários. Prevê o reconhecimento do patrimônio, sua compreensão e a reflexão sobre sua história, sua composição e sua legitimidade diante da cultura brasileira.

171 DESENVOLVIMENTO E EXECUÇÃO DE PROJETOS DE EDUCAÇÃO

Incluem-se documentos decorrentes das etapas do processo de planejamento, realização e avaliação de projetos de ações educativas implementadas, assim como planejamento, realização e avaliação de projetos de acessibilidade, tais como programa de acessibilidade, projetos de educação cultural e relatórios de avaliação e acompanhamento.

172 TRABALHOS E PRODUÇÕES DOS ALUNOS

Este grupo contempla documentos produzidos a partir das ações educativas promovidas pela instituição. Tais documentos podem ser desenhos, pinturas, artefatos e outros produtos gerados pelos participantes.

173 INSCRIÇÃO E FICHA DE PARTICIPANTES

Este grupo contempla as fichas de inscrição e outros documentos gerados a partir do processo de inscrição dos participantes nas atividades educativas e culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. (Publicações Técnicas; n. 51). Disponível em: https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/dicionario_de_terminologia_arquivistica.pdf. Acesso em: 20 mai. 2025.

_____. Gestão de documentos: curso de capacitação para os integrantes do Sistema de Gestão de Documentos de Arquivo – Siga, da administração pública federal. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2019. Disponível em: https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/servicos/gestao-de-documentos/orientacao-tecnica-1/publicacoes-tecnicas-de-referencia/copy_of_gestao_de_documentos.pdf. Acesso em: 20 mai. 2025.

_____. Orientações técnicas para elaboração de instrumentos de gestão de documentos relativos às atividades-fim dos órgãos e entidades do Poder Executivo Federal. 2021. Versão preliminar.

SHELLENBERG, T. T. Arquivos modernos: princípios e técnicas. Tradução de Nilza Teixeira Soares. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANEXO III

MATERIAL DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL,
PREUS, Liane, 2025

ANEXO IV

LIVRETO XXV ANOS ENCONTRO DE
CULTURAS TRADICIONAIS DA VILA DE SÃO
JORGE/CASACAVALEIRO DE JORGE

Leia o QR Code e ouça a
audiodescrição do Inventário



Realização



SECULT
Secretaria de Estado
da Cultura



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Este projeto foi contemplado pelo EDITAL DE FOMENTO AO PATRIMÔNIO CULTURAL Nº 12/2024